

ALEGRAI-VOS SEMPRE NO SENHOR!

ENTENDENDO A CARTA AOS FILIPENSES

Coleção **DO POVO PARA O POVO**

Preparada pela equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros – segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura, a vida renasce. Oséias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo livro de Eclesiastes*
- *Deus viu que tudo era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a Primeira Carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a Carta aos Filipenses*

CENTRO BÍBLICO VERBO

ALEGRAI-VOS SEMPRE NO SENHOR!

*ENTENDENDO
A CARTA AOS FILIPENSES*



Centro Bíblico Verbo
Rua Fernandes Moreira, 311
Chácara Santo Antônio
04716-000 – São Paulo/SP
Tel. (11) 5182-0008
www.cbiblicoverbo.com.br
contato@cbiblicoverbo.com.br
facebook.com/cbiblicoverbo

Autoria: Heloisa Silva de Carvalho
Shigeyuki Nakanose, svd

Ilustrações: Marinaldo Caetano de Jesus
Mapa da p.12 © PAULUS
Editoração: PAULUS
Impressão e acabamento: PAULUS

© Paulus – 2009
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Telefone: (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3065-9

AGRADECIMENTOS

“Vós também alegrai-vos e regozijai-vos comigo”.

Este subsídio é fruto da solidariedade de muitas pessoas. Cada uma delas deixou seus inúmeros compromissos para colaborar na construção deste material.

Nossa gratidão e nossa ternura:

- Às amigas e aos amigos que participaram da reunião da equipe ampliada nos dias 26 a 28 de janeiro de 2009: Darci Augusto Hermes, Leni Gonçalves, Devanir Rosa da Silva, Vera Regina G. Roman Torres, Enilda de Paula Pedro, Maria Inês Boldrin, Francisca de Holanda Lima, Marinalva Pinheiro dos Santos, Francisco Albertin Ferreira, Marlene Costa Garcez, João Cláudio R. R. Silva, Nádia Lúcia Souza Cotta, Pedrinho Geraldo Secretti, Karla Adriana Barbosa, Laércio Terciotti, Raimundo Aristide da Silva, Ronaldo Lobo, Rose Medeiros, Terezinha Maria Veronese, Luis Carlos Catapan;
- Às pessoas que participaram do seminário de aprofundamento da Carta aos Filipenses em julho de 2008;
- Às leigas, aos leigos e religiosas de Salvador que participaram do seminário de aprofundamento em novembro de 2008;
- Ao grupo de Belo Horizonte: Comunidade Pe. Anchieta: Genilda, Etelvina, Yêda; Ir. Luiza. Comunidade Bom Pastor: Terezinha e Enilde. Contatem, grupo de Édima e

Orlando; Gilberto A.C. Filho, que gentilmente fez uma primeira correção ao texto;

- Às assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo que apresentaram suas sugestões: Ademar José Kaefer, Cecília Toseli, Enilda de Paula Pedro, João Cláudio Rufino R. Silva, Luiz José Dietrich, Maria Antônia Marques, Maristela Tezza, Ronaldo Lobo e Terezinha Veronese. Colaborador: Miguel Alvarado Bustamante.
- Agradecemos especialmente a Maria Antônia Marques pelas sugestões e revisão final do texto.
- A todas as pessoas que animam e participam das atividades do Centro Bíblico Verbo.

“Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós, e sempre em todas as minhas súplicas oro por todos vós com alegria, pela vossa participação no evangelho...” (Fl 1,3-5)

APRESENTAÇÃO

A ideia de iniciar a coleção *Do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- Fazer com que leigas e leigos sejam agentes da própria história.
- Formar multiplicadores/as da Palavra, na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração.
- Ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

O projeto tem como objetivo produzir junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na Pastoral, por exemplo: páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação a cargo de PAULUS Editora.

INTRODUÇÃO À CARTA AOS FILIPENSES



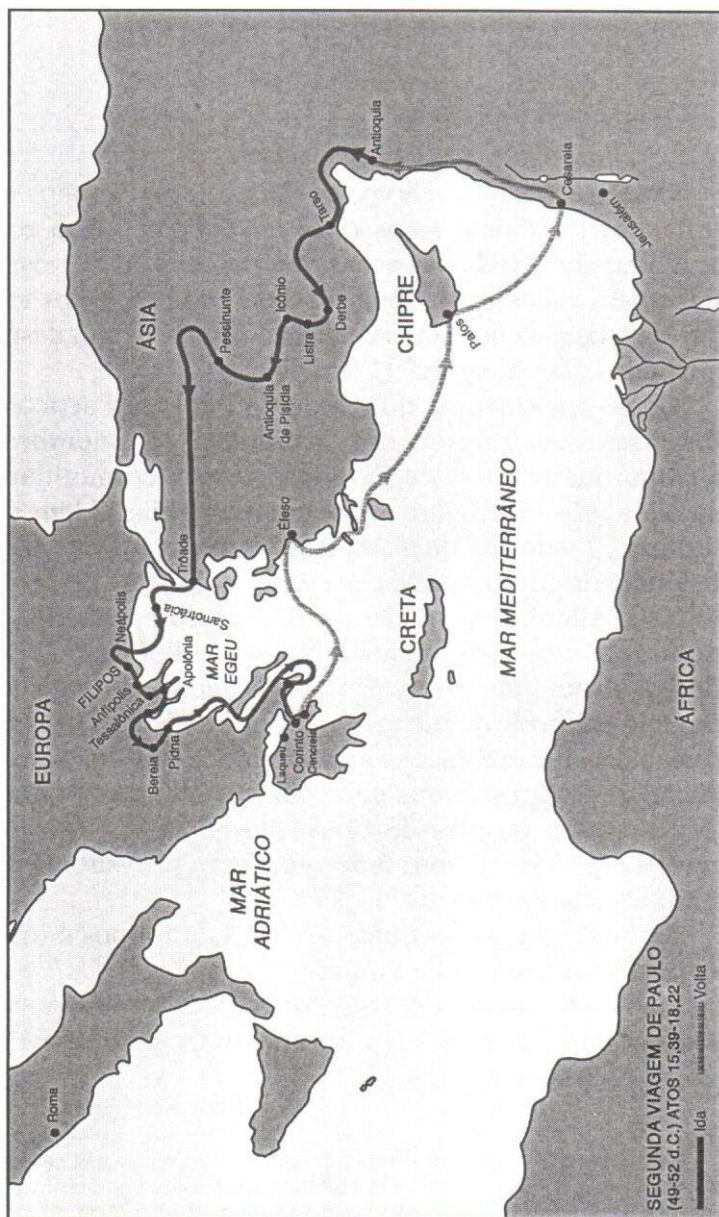
“Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos que em Cristo Jesus estão em Filipos... dou graças a meu Deus todas as vezes que me lembro de vós, e sempre em todas as minhas súplicas oro por todos vós com alegria, pela vossa participação no evangelho desde o primeiro dia até agora” (1,1a.3-5).¹

Como era costume no tempo de Paulo, a Carta aos Filipenses começa com uma saudação aos membros da comunidade cristã de Filipos, primeira comunidade que ele ajudou a fundar em terras europeias. Além da saudação, Paulo faz questão de dar graças a Deus pela existência da comunidade e por toda a vida que ali desabrochou. Afinal, esse núcleo cristão se comprometeu e testemunhou corajosamente a boa nova de Cristo Jesus e demonstrou, inúmeras vezes, solidariedade a Paulo em momentos difíceis de sua vida missionária (1,7). Por isso, se estabeleceu entre Paulo e a comunidade de Filipos uma relação de ternura: “Deus me é testemunho de que amo a todos com a ternura de Cristo Jesus” (1,8); “Sei que ficarei e continuarei com todos vós, para proveito vosso e para alegria de vossa fê” (1,25).

Sem dúvida, a comunidade cristã de Filipos é uma das pupilas dos olhos de Paulo.

Que o estudo e a reflexão dessa carta impulsionem nossas comunidades a se comprometerem, sempre mais, com a boa nova de Jesus.

¹ **IMPORTANTE:** Onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação foi tirada da Carta aos Filipenses. Os textos bíblicos foram extraídos da Bíblia de Jerusalém, nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.



Conhecendo o autor da Carta aos Filipenses

É consenso na pesquisa bíblica que o autor da carta aos filipenses é Paulo, um dos personagens mais conhecidos do Novo Testamento.

A partir de algumas informações que aparecem nas cartas paulinas e no livro dos Atos dos Apóstolos, podemos afirmar que Paulo sofreu duas influências em sua educação, decisivas na sua vida e missão:

- a) Influência da cultura judaica: na carta aos filipenses, Paulo afirma: “Circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu” (3,5). Cada uma dessas informações atesta sua origem. Paulo é um judeu desde o seu nascimento: passou pelo rito da circuncisão, sinal da aliança com Deus; pertence a uma importante tribo israelita, que era, também, a do primeiro rei de Israel, Saul, cujo nome Paulo compartilhava. Além disso, ele é hebreu filho de hebreus, o que significa conhecer e falar a língua de seus antepassados. Finalmente, seu ardor religioso levou-o a fazer parte do grupo dos fariseus. Desse grupo guardou, principalmente, a crença no messianismo e na vida futura.
- b) Influência da cultura greco-romana: O livro de Atos informa que Paulo é de Tarso, cidade fora da Palestina e um centro da cultura grega. Logo ele aprendeu a língua grega por meio da leitura e da escrita e estudou as obras de importantes autores gregos. Por isso, Paulo demonstrava facilidade em transitar nos centros urbanos do mundo greco-romano e foi capaz não só de anunciar a boa nova nesses locais, mas também de formar comunidades adaptadas a essa realidade.

- c) Uma cronologia de Paulo, a partir de seu encontro com a boa nova, pode nos ajudar a visualizar sua trajetória missionária:²

34-37:	Paulo na Arábia e em Damasco
37:	Primeira visita aos apóstolos, em Jerusalém
37-42:	Paulo em Tarso
42-44:	Paulo em Antioquia
45-48:	Primeira viagem missionária com Barnabé
48/49:	Assembleia dos apóstolos, em Jerusalém
49-52: meses	Segunda viagem missionária – estada de dezoito em Corinto
	Primeira carta aos Tessalonicenses
52-54:	Terceira viagem missionária: dois anos e meio em Éfeso
	Inverno de 54/55: Continuação da terceira viagem missionária – Macedônia
	Conclusão da correspondência com Corinto e Filipos
	Três meses em Corinto
	Carta aos Gálatas
	Carta aos Romanos
55/56:	Viagem a Jerusalém
56-58:	Aprisionamento em Cesareia
	Inverno de 58/59: Viagem a Roma
59-61:	Aprisionamento em Roma
?	Morte, presumivelmente como mártir, em Roma.

Após a apresentação dessa breve biografia de Paulo, vamos conhecer o contexto social no qual a comunidade cristã de Filipos está inserida.

Conhecendo o Império Romano

² Cronologia apresentada em: C. J. den HEYER, *Paulo, homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 33.

No ano 148 a.C., a Macedônia se torna província romana e o mesmo acontece com todas as cidades pertencentes a essa região, entre elas Filipos. Quando Paulo chega à cidade, em sua segunda viagem missionária, entre os anos 49 e 52 d.C., ela continua sob o domínio romano. Na Carta, encontramos a seguinte informação: “Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa do Imperador” (4,22).

O que significa estar sob o domínio dessa grande potência? De onde vem sua riqueza? Como esse Império se organiza e de que modo domina?

O Império Romano está sustentado por três pilares: a escravidão, a propriedade privada da terra e o comércio.

- 1) Escravidão – A mão de obra escrava é encontrada em toda e qualquer ocupação ou atividade civil e é utilizada como força de trabalho na produção da vida material, predominantemente nas minas, na agricultura e no serviço doméstico dos grandes senhores. A/o escrava/o não é considerada/o uma pessoa, mas um bem do mesmo nível que uma extensão de terras, uma cabeça de gado ou uma saca de grãos, por exemplo. Além disso, escravas e escravos, consideradas/os como mercadorias, são facilmente transportadas/os de um local para outro, o que aumenta sua importância.
- 2) Propriedade privada da terra – As vastas extensões de terra pertencem à elite romana e quem as cultiva é a mão de obra escrava. Da concentração de terra e do trabalho escravo a elite extrai o excedente da produção geradora de riqueza. Este excedente a elite utiliza para sustentar uma vida de luxo e pompa nos centros urbanos do Império.

- 3) Comércio – O Império entra em constantes batalhas. Os territórios conquistados são anexados às terras imperiais e seus habitantes escravizados. Consequentemente aumenta a produção agrícola, uma vez que há terras e mão de obra abundante. A produção intensa exige um forte esquema comercial, que é favorecido pelas muitas estradas abertas pelo Império e pelo aumento de segurança nas rotas marítimas. Além disso, a moeda única e um sistema bancário que fornece financiamento de crédito ajudam a garantir o domínio imperial nas regiões conquistadas aumentando, dessa forma, os mercados compradores. Essa “roda viva” sustenta o grande fluxo comercial do Império.

Além desses três fatores, o Império Romano conta com um exército bem equipado e bem remunerado, que garante a sua estabilidade. São funções do exército romano:

- Favorecer as conquistas romanas, obrigando as províncias conquistadas a sustentar a riqueza de Roma;
- Controlar a população livre e a população escrava;
- Estabelecer a “Pax Romana”, ou seja, eliminar os muitos focos de resistência e de rebeliões por meio da força, e garantir uma segura arrecadação de tributos.

A cidade de Filipos é colônia do Império Romano. Ela parece uma Roma em miniatura. Uma volta ao passado ajuda a imaginar essa cidade.

Conhecendo a cidade de Filipos

Em torno do ano 360 a.C., Filipe, pai de Alexandre, o Grande, conquista Krenides e dá a ela um novo nome em sua própria homenagem: Filipos. No ano 160 ela é conquistada pelos romanos, mas isso não a torna importante. É no ano 42 a.C. que Filipos entra para a história. Uma batalha realizada ali, entre as forças republicanas representadas por Brutus e Cassius de um lado, e as forças imperiais, que querem vingar a morte de César, representadas por Otávio e Antônio de outro, immortaliza a cidade. Antônio e Otávio, defensores do Império, vencem.

Anos depois, em 31 a.C., Otávio e Antônio deixam de ser aliados e entram em disputa. Otávio sai vencedor na batalha de *Actium* e, para recompensar seus aliados, eleva Filipos à dignidade de *Colônia Julia Augusta Philippensis*. Instala na cidade veteranos das legiões romanas e, também, agricultores da Itália, dando-lhes grandes extensões de terra. Enquanto colônia, Filipos ganha autonomia diante do governo provincial; tem direito de regulamentar seus próprios assuntos cívicos e de cunhar suas próprias moedas. Além disso, seus habitantes com cidadania romana podem desfrutar dos seguintes privilégios:

- comprar e vender propriedades;
- isenção de impostos territorial e individual;
- usufruir da proteção da lei romana;
- não serem presos e nem sofrer açoites (a prisão só em casos extremos, como uma traição, por exemplo);
- direito de apelar ao imperador em caso de julgamento.

Ainda que Filipos seja habitada por um grande número de romanos, em média 35% da população, nela há muitos gregos, sírios, macedônios e descendentes dos antigos moradores trácios e fenícios. Seus habitantes orgulham-se da cidade, de seus laços com Roma, de seguirem os costumes, obedecer às leis romanas e de se vestirem como romanos.

A cidade conta com terras férteis e com uma localização geográfica que contribuem para seu crescimento. Seu território, regado por diversas fontes, apresenta um solo sempre úmido e fértil, favorável à produção de diversos produtos, como trigo, uva, azeite e frutas. É possível, ainda, criar animais de pequeno porte e retirar madeira de suas florestas para a exportação. Além disso, a proximidade com o porto de Neápolis e com a via Egnátia faz da cidade importante via de acesso, uma vez que essa estrada liga o oriente ao ocidente, favorecendo o fluxo comercial.

A circulação de diferentes pessoas na região e a presença de moradoras/es de diversas origens culturais fazem de Filipos uma cidade que apresenta forte diversidade religiosa. Do povo trácio, os filipenses recebem a prática de ritos de fertilidade, dedicados à deusa Bendis, também conhecida por Ártemis, pelos gregos. Marte é venerado como deus, tanto da agricultura como da guerra, sob o nome trácio de Mindrito, além de Silvano, um deus italiano dos campos e florestas. Outras divindades importadas do oriente também são cultuadas: Ísis, principal protetora da cidade; Serápis, Asclépio, Mên e a grande deusa-mãe Cibele. O “Deus Altíssimo” mencionado em At 16,17 parece estar relacionado a Sabázio, identificado como Javé no judaísmo helenizado.

Algo novo surge no chão da cidade de Filipos: uma comunidade cristã viva, sensível e que participa ativamente no trabalho de expansão da boa nova.

Conhecendo a comunidade cristã de Filipos

O livro de Atos nos fornece informações sobre a comunidade cristã de Filipos: Paulo sai de Trôade acompanhado por Silas e Timóteo, atravessa o mar Egeu, passa pela ilha da Samotrácia e chega ao porto de Neápolis. Do porto seguem pela

via Egnátia até chegar a Filipos (At 16,11-12). A caminhada é de mais ou menos dezesseis quilômetros.

Após alguns dias, os três ficam sabendo que um grupo de pessoas costuma rezar fora da cidade, às margens de um rio. Eles se dirigem para o local, onde encontram algumas mulheres que costumam se encontrar para fazer suas orações. É dia de sábado (At 16,13). Os missionários começaram a lhes falar. Entre elas se encontra Lídia, original da cidade de Tiatira, na Ásia Menor. Seu nome pode indicar que se trata de uma liberta, ou seja, uma escrava que comprou sua liberdade. Lídia é negociante de púrpura e “adoradora de Deus” (At 16,14). Tal expressão é usada, normalmente, para pessoas simpatizantes do judaísmo e observante de suas práticas religiosas. Essa mulher acolhe o evangelho, recebe o batismo com os de sua casa e oferece lugar para os missionários se hospedarem em sua casa (At 16,15).

Pouco sabemos da composição da comunidade de Filipos. Na própria carta, Paulo cita os nomes de Epafrodito, Evódia, Síntique, Sízigo, todos nomes de origem grega, indicando que a comunidade compunha-se de vários membros vindos da cultura grega e apenas o nome de Clemente, indicando um membro de origem romana. Estudiosos afirmam que 35% da comunidade compunha-se de romanos.

Como características dessa comunidade cristã, podemos destacar a solidariedade e a generosidade. Por diversas vezes Paulo pôde contar com sua ajuda: “Vós mesmos bem sabeis, filipenses, que no início da pregação do Evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma Igreja teve contato comigo em relação de dar e receber, senão vós somente” (4,15); “E, quando entre vós sofri necessidades, a ninguém fui pesado, pois os irmãos vindos da Macedônia supriram minha penúria” (2Cor 11,9). Também na coleta para os cristãos de Jerusalém os filipenses contribuíram prontamente (2Cor 8,1-2).

Na comunidade cristã de Filipos encontramos mulheres que desempenham papel de liderança. Dos quatro nomes citados na carta, dois são de mulheres que, segundo Paulo, trabalham arduamente a seu lado na proclamação do evangelho (4,3). Pela carta, percebemos, ainda, o quanto a comunidade é afetuosa. Paulo, por diversas vezes, demonstra carinho e afeto por seus membros e é correspondido na mesma altura. Ao se dirigir à comunidade ele não se denomina apóstolo, mas servo de Jesus Cristo. Isso parece demonstrar que Paulo não precisa convencê-la de sua autoridade apostólica como em outras situações (Rm 1,1; 1Cor 1,1; 2Cor 1,1; Gl 1,1). A confiança e o respeito mútuos superaram a necessidade de títulos.

Contudo, a comunidade cristã de Filipos não é perfeita. Nela parece haver diferenças sociais. Entre seus membros encontramos pessoas que possuem cidadania romana e pessoas que não a possuem; pessoas pobres; pessoas escravas. Tais divisões provocam conflitos e geram egoísmo, presunção, busca dos próprios interesses (2,3-4); murmuração, resmungos (2,14) e disputas (4,2). Paulo, porém, se dirige a todos os membros com afeto e os convida à harmonia e ao cuidado mútuos.

Olhemos essa carta mais de perto.

Conhecendo a Carta aos Filipenses

De acordo com pesquisas recentes, Paulo estava preso em Éfeso, entre os anos 52 e 54 d.C., quando escreveu partes da Carta. Um olhar mais atento ao lê-la nos leva a perceber rupturas na sua estrutura. Por exemplo, nos capítulos 1,1 até 3,1a, o texto apresenta uma continuidade de estilo e de conteúdo parecendo que tudo foi escrito num mesmo período. O tom desses capítulos é suave, alegre, afetivo.

No entanto, no capítulo 3,1b-21 acontece uma diferença em relação ao que foi escrito anteriormente; o assunto muda e não há conexão com o que fora escrito. O tom da carta passa a ser agressivo, e Paulo alerta a comunidade contra possíveis adversários.

A ruptura é perceptível em 4,10-20. Nesses versículos Paulo agradece por um donativo recebido e não fica claro por que o apóstolo espera o fim da carta para agradecer, uma vez que seus sentimentos de gratidão são tão fortes no texto. Esses dez versículos parecem fazer parte de um bilhete escrito às pressas, logo após o recebimento do donativo feito pelos filipenses.

Tais constatações nos levam a supor que os redatores finais da carta juntaram as correspondências de Paulo para os cristãos de Filipos, colocaram uma só saudação, uniram as conclusões e saudações finais de forma que o texto aparecesse como uma única carta. Nesse subsídio, adotaremos a hipótese das três cartas, com a seguinte divisão:

- 1) Carta A: 1,1-2; 4,10-20 – seria a carta mais antiga. Paulo está preso e a comunidade de Filipos envia-lhe ajuda pessoal e financeira. Naquele período como hoje, os prisioneiros eram abandonados pelas pessoas mais próximas e passavam necessidades. Paulo, que não tem costume de aceitar ajuda econômica das comunidades, abre uma exceção por se tratar da comunidade de Filipos. Logo após a chegada de Epafrodito trazendo ajuda, Paulo teria escrito esse bilhete de agradecimento.
- 2) Carta B: 1,1-3,1a; 4,2-9.21-23 – carta posterior à carta A. Paulo ainda está preso. O conteúdo desses capítulos é a perseguição que ele sofre pela boa nova de Jesus e a

divisão que existe na comunidade. O conhecido “hino cristológico” está nessa segunda carta (2,6-11).

- 3) Carta C: 3,1b-4,1 – última carta. Nesses versículos vemos uma mudança de tema e uma alteração no tom adotado. Paulo não fala mais como alguém que está na prisão, mas como alguém que adverte a comunidade contra possíveis adversários. Provavelmente são missionários judeu-cristãos que anunciam um Jesus de milagres e triunfos, diferente de Paulo, que coloca como centro de sua pregação Cristo crucificado. Paulo é duro com esses adversários (3,18). A mensagem é a mesma da carta B: Não há outro Cristo a não ser o Jesus crucificado. O tom violento nos lembra a Segunda Carta aos Coríntios. Os adversários parecem ser os mesmos.

Aprendendo com Paulo e a Carta aos Filipenses

- A carta mostra como a missão evangelizadora é tarefa comunitária. Por isso, são muitas as pessoas envolvidas: Paulo, Timóteo, Silas, Epafrodito, Lídia, Sízigo, Clemente, Evódia, Síntique, os cristãos da casa do Imperador, os episcopos (vigilantes) e diáconos (servos).
- A carta mostra a importância da presença e da participação das mulheres na Igreja de Filipos. Na casa de uma delas a Igreja se reúne. Outras duas, Evódia e Síntique, são lembradas como tendo lutado muito pelo Evangelho.
- Em Filipenses transparece a importância da manifestação de sentimentos no trabalho evangelizador. O afeto e carinho que Paulo nutre

pela comunidade são visíveis no texto (1,7; 2,12; 4,1; 1,8).

- A importância da oração e da mística no trabalho pastoral e na vida missionária aparece na carta.
- Filipenses guarda um importante hino cristológico. Ele é a síntese do Evangelho que Paulo anuncia: Cristo Jesus crucificado e ressuscitado (2,6-11).
- Paulo se apresenta como alguém que toma posição diante de uma situação que ele julga prejudicar o anúncio da boa nova (3,2-3.18).
- A Carta convida a um alegre testemunho de vida a partir da esperança na parusia – vinda do Senhor: A comunidade já vive a presença do Senhor por experimentar a paz, fruto do amor solidário entre irmãos e irmãos, conforme o evangelho de Cristo crucificado/ressuscitado (4,2-9).
- A comunidade de Filipos ensina que a boa nova de Jesus exige a prática da solidariedade e da partilha dos bens (4,10-20).

Organização deste livro

Este subsídio apresenta sete roteiros para encontros que ajudam a entender a Primeira Carta de Paulo aos Filipenses, de forma que ela possa iluminar a caminhada de nossas comunidades, hoje. O livro está dividido da seguinte forma:

Primeiro encontro: Fl 1,3-11. Paulo estabelece com a comunidade cristã de Filipos um relacionamento de afeto, de amor e de carinho. O estreitamento dos laços fraternos entre os membros da comunidade é fonte de evangelização.

Segundo encontro: Fl 1,12-26. Quando escreve à comunidade de Filipos, Paulo está preso em Éfeso e sofre a incompreensão de muitos membros da comunidade efesina. Contudo, ele não se abate e nem perde o foco de sua vida e missão: o anúncio da boa nova. Cristo, crucificado e ressuscitado, deve ser engrandecido pela vida ou pela morte do apóstolo. Isso é o que impulsiona o evangelizador na superação de todo sofrimento e perseguição.

Terceiro encontro: Fl 2,1-11. A comunidade cristã de Filipos sofre os reflexos do modelo de privilégios existente na sociedade greco-romana: alguns de seus membros se sentem superiores aos demais. Paulo sabe que a comunidade só terá o rosto de Jesus se os seus membros assumirem a condição de escrava/o em relação aos demais. Agindo assim, a comunidade brilhará e será mensageira da Palavra de vida (2,15-16).

Quarto encontro: Fl 2,19-30. O cotidiano da missão é marcado por naufrágios, tempestades, presença de animais ferozes, doenças, perseguições, violência, descrédito, ciúmes, inveja. A partir dessa experiência, Paulo ficou com uma certeza: a solidariedade e o trabalho em equipe, tanto na vida missionária quanto na vida em comunidade, não podiam faltar. Sem isso, o projeto de expansão da boa nova e o testemunho comunitário ficavam comprometidos.

Quinto encontro: Fl 3,1b-11. Como judeu fariseu, Paulo se vangloriava em cumprir os rituais e as normas presentes na Lei. A partir do seu encontro com a boa nova do Cristo crucificado e ressuscitado, ele entendeu o que significa o verdadeiro culto a Deus. Por isso, o que considerava lucro passou a considerar perda. As leis referentes a rituais não têm mais a palavra final. O que vale, agora, é a nova lei do amor.

Sexto encontro: Fl 4,2-9. Paulo nutre uma convicção: O Senhor voltará a qualquer momento. Essa expectativa motiva Paulo a agir e ele quer que a comunidade faça o mesmo. Por isso, exorta-a a preparar essa vinda enfrentando e resolvendo seus problemas de discórdias, de disputas, de competição. Ao mesmo tempo, Paulo mostra à comunidade que, agindo assim, ela já vive na presença do Senhor, pois experimenta a paz, fruto do amor solidário entre irmãs e irmãos.

Sétimo encontro: Fl 4,10-20. A comunidade cristã de Filipos auxilia Paulo em um momento de necessidade. Esse gesto é fruto da experiência que ela faz da boa nova: a comunidade se organizou e todos os seus membros contribuíram. A partir daí, nasce um novo tipo de relacionamento baseado na solidariedade e gratuidade. Por isso, Paulo se sente livre para aceitar a oferta.

O “dar e receber” interesseiro, próprio do modelo greco-romano, está sendo superado.

Lembretes para reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para você preparar os encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro
- A coordenadora, ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa, dando

especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.

- Se o encontro for em uma casa, fazer um agradecimento especial à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Incentivar o grupo a refletir a partir das ilustrações no início de cada capítulo.
- Não é necessário responder todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Lembrar de distribuir as tarefas do próximo encontro.
- Ver o *DVD “ALEGRAI-VOS SEMPRE NO SENHOR”*: Entendendo a Carta aos Filipenses. Centro Bíblico e Verbo Filmes.

PRIMEIRO ENCONTRO



TEMA: A prática da boa nova cria laços de ternura, de solidariedade e de amor em Cristo Jesus

PERSONAGENS: Deus, Paulo, Cristo Jesus, cristãos de Filipos.

TEXTO: Fl 1,3-11.

PALAVRAS-CHAVE: alegria, oração, participação, evangelho, graça, amor, ternura, discernimento.

PERSPECTIVA: O afeto, a ternura, a solidariedade são fontes de evangelização e devem marcar a vida das comunidades cristãs.

“Tenho-vos em meu coração, a todos vós que, nas minhas prisões e na defesa e afirmação do evangelho, comigo vos tornastes participantes da graça.” (1,7)

ATENÇÃO: Ao preparar o encontro, o grupo ou a comunidade, conforme sua realidade e sua criatividade, pode mudar os cantos, as perguntas e a forma de celebrar a vida.

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, velas, flores, cruz.
- Providenciar: a) Cartolina ou material semelhante; b) Pedacos pequenos de papel (em forma de tijolinhos) onde se possa escrever o nome de uma ou mais pessoas; c) Canetas (hidrocor, pilot ou semelhante) ou giz cera.

Com esse material, o grupo vai desenhar uma construção que lembre uma igreja ou um salão comunitário. Sugerimos que a/o coordenadora/or faça, anteriormente, o desenho com telhado e paredes, ou, no momento do encontro, peça que alguém o faça. O grupo cola os “tijolos” e vai formando a construção. Entretanto, a/o coordenadora/or deve se sentir livre para adaptar a ideia à sua realidade e criatividade.

2. Acolhida

Dirigente: Sejam bem-vindas e bem-vindos! Recebemos o convite para refletir, em comunidade, sobre o que Deus nos fala por meio da carta de Paulo às cristãs e aos cristãos de Filipos. Para que nossos dias de encontro, reflexão e oração sejam repletos de bênçãos, invoquemos o Deus Trindade: Que a graça de Deus Pai-Mãe, a sabedoria de Jesus Cristo e o amor do Espírito Santo estejam com cada pessoa aqui presente.

Todas/os: Como o apóstolo Paulo, dizemos: Damos graças a Deus por nossa participação em sua obra. Que o nosso amor cresça cada vez mais em conhecimento e sensibilidade, a fim de podermos discernir o que é importante para a construção do Reino.

Dirigente: O Espírito de Deus impulsionou mulheres e homens para formarem comunidades solidárias e afetuosas, nas quais a comunhão fosse a sua marca nos momentos de dor e alegria. Peçamos as luzes do Espírito para que isso se realize em nossas comunidades, cantando:

- Nós estamos aqui reunidos como estavam em Jerusalém, pois só quando vivemos unidos é que o Espírito Santo nos vem.

- Ninguém para esse vento passando; ninguém vê, ele sopra onde quer. Força igual tem o Espírito quando faz a igreja de Cristo crescer.

Dirigente: Um desenho ilustra o tema do nosso encontro. Vamos olhá-lo silenciosamente e, em seguida, partilhar o que pensamos e o que sentimos.

3. Motivando a conversa

Dirigente: Vamos pensar em uma construção. Para que ela se torne realidade, é necessário um local, gente para projetar e executar a obra, vários materiais, etc. Nossa comunidade, assim como uma construção, teve um princípio. Muita gente está envolvida nessa história. Vamos recordar e partilhar em pequenos grupos, como foi que isso aconteceu. As perguntas abaixo podem nos ajudar:

- a) Como nasceu a nossa comunidade?
- b) Quais as pessoas que marcaram a caminhada da comunidade, pelo testemunho e serviço prestados? Lembremos alguns nomes.

Dirigente: Após a partilha, vamos pegar um ou mais “tijolinhos” e escrever o nome das pessoas que fizeram parte dessa história/construção. Em seguida, vamos colar nosso(s) tijolino(s) no painel e fazer memória de nossa(s) comunidade(s). Enquanto isso, podemos cantar:

Ó Pai, somos nós o povo eleito que Cristo veio reunir.
(bis)

1 – Pra viver da sua vida, aleluia, o Senhor nos enviou, aleluia.

2 – Pra anunciar o evangelho, aleluia, o Senhor nos enviou, aleluia.

3 – Pra servir na unidade, aleluia, o Senhor nos enviou, aleluia.

4 – Pra construir um mundo novo, aleluia, o Senhor nos enviou, aleluia.

5 – Pra caminhar na esperança, aleluia, o Senhor nos enviou, aleluia.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 1: Paulo, Silas e Timóteo chegam a Filipos e procuram uma sinagoga, lugar de oração dos judeus, para anunciar o evangelho. Não há sinagoga, mas eles ficam sabendo que, em um lugar fora da cidade, pessoas se reúnem para fazer suas orações em dia de sábado. Os três missionários encontram mulheres reunidas para rezar. São trabalhadoras que ganham a vida produzindo e negociando tecidos tingidos com púrpura.

Leitora ou leitor 2: Elas acolhem a boa nova. Sabemos pelo livro dos Atos dos Apóstolos o nome de uma delas: Lídia. Está nascendo o primeiro núcleo cristão em Filipos. E ele nasce

fora dos lugares de oração oficial, como os templos e as sinagogas. Seu nascimento acontece na casa de uma mulher. Na comunidade cristã de Filipos elas terão papel de destaque como líderes. Paulo cita o nome de Evódia e Síntique como mulheres que, ao seu lado, se empenharam pelo evangelho (4,3). Percorrendo toda a carta, notamos o carinho e o afeto que Paulo nutre por essa comunidade. Ele a tem em seu coração e a ama com a ternura de Cristo Jesus (1,7-8).

5. Leitura do texto

Dirigente: O Espírito de Deus, que une a comunidade no amor e na ternura de Cristo Jesus, abra nossos corações e ouvidos para acolher a Palavra. Cantemos:

- *Bendita, bendita, bendita a Palavra do Senhor. Bendito, bendito, bendito quem a vive com amor.*

Leitora ou leitor 3: Fl 1,3-11

Dirigente: *Para conversar*

- a) Quais os sentimentos que Paulo expressa em relação à comunidade de Filipos?
- b) O que Paulo pede a Deus para a comunidade? Qual o sentido desses pedidos para nós?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 5: As mulheres são as primeiras que acolhem a boa nova em Filipos, e a comunidade cristã nasce na casa de uma delas. Duas outras líderes, Evódia e Síntique, aparecem como pessoas que ajudaram Paulo “na luta pelo Evangelho” (4,2-3). Ao longo da carta, encontramos palavras de

afeto, de amor, de carinho... que demonstram os sentimentos que Paulo nutre pelos membros da comunidade, e ela retribui da mesma forma. Em vários momentos difíceis da vida de Paulo, a comunidade se fez solidária (4,10). Esse jeito de conviver é fonte de evangelização.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Conhecemos as pessoas de nossa comunidade? Encontramo-nos com elas fora dos momentos rituais e dos trabalhos pastorais?
- b) Que compromissos podemos assumir para reforçar os laços entre nós?
- c) Que tipo de testemunho as pessoas que não participam da comunidade cristã esperam de nós?

7. Celebrando a vida

Dirigente: A comunidade cristã de Filipos nasceu e cresceu com a liderança das mulheres e com o estreitamento dos laços fraternos que se estabeleceram entre seus membros. Hoje, como ontem, faz-se necessário estreitar os relacionamentos fraternos e afetuosos entre os membros da própria comunidade e reconhecer a força e o papel das mulheres dentro dela. Por isso, vamos receber delas a bênção. (As mulheres estendem suas mãos sobre as demais pessoas do grupo. Se no grupo houver apenas mulheres, estender as mãos para fora do ambiente onde estão e abençoar a comunidade, o bairro, a cidade. O grupo pode utilizar as palavras da bênção abaixo ou criar sua própria bênção.)

Mulheres: Pelo Deus de amor que nos socorre, pelo todo-poderoso que nos abençoa: “As bênçãos do céu no alto, bênçãos

do abismo deitado embaixo, bênçãos das mamas e dos seios” (Gn 49,25). Que Deus Pai-Mãe nos abençoe e nos guarde.

Todas e todos: Amém!

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Fl 1,12-26. Quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma vizinha ou outra pessoa conhecida.

- Lembrar de trazer a Bíblia.
- A família ou a comunidade que vai nos acolher no próximo encontro fica responsável por preparar o cartaz ou faixa com o tema do dia.

Dirigente: Distribuir tarefas, combinar data, local e horário do próximo encontro.

9. Gesto concreto:

Ficar atenta/o aos gestos de carinho e afeto que expressamos ou recebemos no dia a dia. Comunicar-se, de alguma forma, com alguém da comunidade que parece precisar de sua acolhida, atenção ou de uma palavra amiga.

10. Bênção final

Dirigente: Uma semana com muita paz e amor para todas e todos nós.

Todas/os: Amém.

Orientações para o primeiro encontro

Situando o texto: Nasce a comunidade de Filipos

Conforme o livro dos Atos dos Apóstolos, Paulo inicia sua segunda viagem missionária acompanhado por Silas entre os anos 49-52. Juntos, eles se dirigem à cidade de Derbe, passam por Listra e aí conhecem Timóteo, que será amigo e companheiro fiel de Paulo no trabalho de evangelização por toda a sua vida (At 16,1-3). Depois, quando eles tomam a direção da Galácia, acontece um imprevisto: Paulo fica doente e se vê obrigado a permanecer na região um tempo maior do que o planejado. É neste período que os gálatas são evangelizados.

Com o bom tratamento dos gálatas, Paulo se recupera e se prepara para seguir viagem. Os missionários tomam a direção da Macedônia (At 16,9-10) passando, antes, por Trôade, próspera cidade litorânea que funciona como um importante corredor de comércio entre a Europa e a Ásia. Os barcos partem daí para diferentes regiões. Os missionários embarcam para Neápolis, o porto mais próximo do destino final dos viajantes: Filipos. Mas a cidade não fica tão próxima ao porto. É preciso caminhar cerca de treze quilômetros. Pela primeira vez, a Europa vai receber o anúncio da boa nova. Vamos caminhar com Paulo, Silas e Timóteo e colocar nossos pés na cidade.

Filipos é colônia romana. Com esse *status*, os missionários devem ter imaginado que ela seria uma grande cidade, quem sabe, como Antioquia ou Trôade. Mas é justamente o contrário: Filipos é pequena; uma pessoa pode atravessá-la a pé em dez minutos. Circundada por uma muralha de uns três quilômetros, nela vivem os antigos habitantes trácios, além de gregos, macedônios e romanos. Um aspecto deve ter chamado a

atenção dos missionários: há inscrições em latim por todo lado, demonstrando a influência romana na sua história mais recente. Contudo, os habitantes entendem o grego, língua falada pelos missionários. Isto facilita o trabalho de Paulo e seus companheiros: o primeiro anúncio da boa nova na cidade.

Eles têm uma estratégia missionária: procurar em primeiro lugar uma sinagoga e aí iniciar o trabalho de evangelização. No entanto, para sua surpresa, não há sinagoga em Filipos. É provável que não houvesse o mínimo de dez homens judeus para formá-la. Todavia, Paulo fica sabendo que fora da cidade, às margens do rio que passa pela região, o Gangites, um grupo de pessoas, provavelmente simpatizantes da religião judaica, costumava fazer suas orações em dia de sábado. Os três se dirigem até o local, encontram um grupo de mulheres e a elas anunciam a boa nova.

O livro de Atos nos conta que uma delas se sente tocada com a mensagem: é Lídia, mulher estrangeira, natural da cidade de Tiatira, na Ásia Menor (At 16,13-15). Seu trabalho consiste em tingir tecidos com a púrpura. Existiam duas formas de conseguir esse corante. A primeira era por meio de um caramujo marinho. Dele se extraía a púrpura animal. Essa extração era caríssima; somente reis e pessoas das camadas mais ricas da sociedade conseguiam comprar os tecidos tingidos dessa forma. A segunda forma de extração, mais barata, era a vegetal. Provavelmente, era com a púrpura vegetal que o grupo de Lídia trabalhava. Esse tipo de atividade, pesada e causadora de muita sujeira, era feito, de um modo geral, nas periferias das cidades por pessoas que aí moravam.

Lídia se deixa batizar e convida Paulo, Silas e Timóteo para se hospedarem em sua casa. A comunidade cristã de Filipos está nascendo. É bom notar que ela nasce fora dos lugares de oração oficial, como os templos e as sinagogas. Além disso,

nasce na casa de uma mulher, e elas serão líderes comunitárias. Paulo se refere a duas delas, Evódia e Síntique, da seguinte forma: “... a meu lado se empenharam pelo evangelho, junto com Clemente e outros meus colaboradores, cujos nomes estão no livro da vida” (4,3). O verbo grego que Paulo utiliza para falar da atividade exercida por essas mulheres é *synatheleō*, o mesmo utilizado para a atividade dos atletas. Isto demonstra a energia e o compromisso de Evódia e Síntique no anúncio do evangelho.

Outra característica da comunidade de Filipos é a solidariedade. Quando Paulo estava preso, a comunidade lhe enviou uma quantia de dinheiro para auxiliar em suas necessidades. O emissário foi Epafrodito, que ficou um tempo com Paulo auxiliando-o em suas necessidades. Com a mesma solicitude, a comunidade socorreu as comunidades pobres de Jerusalém num momento de penúria (4,10-20).

Parece que essas características fizeram com que Filipos ocupasse lugar especial no coração de Paulo. Além do mais, é a primeira comunidade que Paulo ajuda a fundar em terras europeias depois de ter deixado a cidade de Antioquia e se separado de Barnabé. Sem dúvida, isso marcou Paulo. Segundo as palavras do apóstolo, os filipenses brilham como luz no mundo, perseverando na palavra da vida (2,15-16). A presença e a forte liderança de mulheres contribuíram para que a comunidade tivesse esse perfil.

Comentando o texto: Fl 1,3-11

Conforme o costume da época, Paulo inicia suas cartas saudando os destinatários e a eles se dirige como “os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos” (1,1a). O povo santo, consagrado ao messias Jesus, corresponde ao povo consagrado a Javé no Primeiro Testamento. Em seguida, Paulo cita os

“episcopos e diáconos” (1,1b). Esses dois títulos eram usados frequentemente no mundo grego e no judaísmo e referiam-se a membros (vigilantes e servos) que supervisionavam e auxiliavam nos trabalhos da comunidade.

Paulo faz, então, uma oração de agradecimento a Deus pela comunidade. Na Carta aos Filipenses, no entanto, o agradecimento é mais extenso e mais fervoroso do que de costume, o que pode indicar uma predileção do apóstolo pela comunidade de Filipos. Ele repete quatro vezes nesta oração a expressão “todos vocês”. Essa comunidade parece ter dado a Paulo mais consolo e alegria do que todas as outras. Por isso, os elogios e o afeto demonstrados de forma calorosa aos seus membros (1,3-5).

O tema da carta já aparece no agradecimento: o trabalho de evangelização. Como a comunidade de Isaías, a igreja de Filipos é mensageira de paz e salvação: “Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz...” (Is 52,7).

Paulo expressa, mais uma vez, um profundo afeto pela comunidade por ter perseverado e ficado ao seu lado em todos os momentos (1,7). Os filipenses prestaram auxílio a Paulo quando esteve preso. Com isso, eles compartilham o trabalho missionário de Paulo no testemunho que ele deu diante do tribunal romano ou ainda dará. Tal ocasião era vista como uma boa oportunidade para proclamar o evangelho. Em muitos casos, era a única oportunidade na vida de falar publicamente da boa nova, diante das autoridades e do povo reunido para assistir ao julgamento. No dia do depoimento de Paulo, os filipenses estarão aí, a seu lado, dando testemunho da boa nova.

Esta comunhão com as/os filipenses faz com que Paulo nutra um sentimento especial por todos (1,8). No uso da expressão “todos” parece estar contida a recusa de Paulo em tomar o partido de uma ou outra pessoa nas divisões que

aparecem na comunidade (4,2). Todas e todos são iguais e estão presentes em sua preocupação missionária. Por isso ele ora por *todos* (1,4) ama a *todos* (1,7), tem saudade de *todos* (1,8), espera com *todos* (1,25) e saúda a *todos* (4,21). Toda a comunidade lhe causa alegria. Aliás, a alegria é o tom dominante desta carta. Além disso, a ternura que Paulo sente pelas/os cristãs/os de Filipos é comparada à “ternura de Jesus Cristo”, e o próprio Deus é testemunha. Esta expressão é utilizada em momentos especiais (Rm 1,9; 2Cor 1,23; 1Ts 2,5.10), e a Carta aos Filipenses é um deles.

Os versículos 9 a 11 apresentam a oração de Paulo pela comunidade. As orações nas cartas paulinas têm a função de estimular e encorajar seus leitores a agirem segundo o pedido contido nelas. Ele pede que a comunidade cresça no amor (1,9); amor (*ágape* em grego) que não é sentimento nem emoção, mas atitude, solidariedade prática, compromisso que deve existir entre cristãs e cristãos. Por isso, é sua principal característica. O amor mútuo e aberto a todas/os (1Ts 3,12) deve crescer em conhecimento (*epignōsis* em grego) e em sensibilidade (*áisthēsis*), o que significa que as/os cristãs/os devem expressá-lo à medida que reconhecem o que precisa ser feito. O amor mútuo ajudará a discernir o que é importante na construção do projeto de Deus, uma vez que a vida das cristãs e dos cristãos não está traçada.

Cada pessoa precisa descobrir a vontade de Deus a partir dos sinais colocados por ele no mundo e compreender a intenção e a tarefa que Deus lhe reserva. Agindo assim, erros serão evitados e obstáculos contornados. No dia do advento (parusia) de Jesus nada poderá ser atribuído a quem o segue. Os “frutos da justiça” brotarão. Não a justiça da lei do puro e do impuro, segundo a qual o justo é obrigado a cumprir o sacrifício e

entregá-lo no templo (cf Lv 11-15). Mas a justiça que brota do amor que partilha e da solidariedade que compromete.

Aprofundando: A diversidade nas comunidades cristãs nascentes

Desde as suas origens, o cristianismo foi marcado pela diversidade de pessoas e culturas e sofreu influência de contextos bem variados. As comunidades colocavam em prática a boa nova de um jeito muito próprio. Pensemos em duas figuras bem conhecidas das comunidades cristãs primitivas: Pedro e Paulo.

“De fato, também tu és um deles, pois o teu dialeto te denuncia” (Mt 26, 73). Essas palavras foram dirigidas a Pedro durante a prisão de Jesus. Pedro, um judeu nascido na Galileia, é um pescador simples que, antes do seu encontro com Jesus, talvez nunca tenha viajado para muito longe da sua região. Paulo, também é de origem judaica, mas, ao contrário de Pedro, foi criado em uma importante cidade fora da Judéia e teve a chance de estudar não só as Escrituras Sagradas do Judaísmo, como também os filósofos do mundo greco-romano. A partir da realidade de cada um, a comunidade destinou-os para a missão. Pedro foi enviado para anunciar a boa nova entre os judeus e Paulo foi destinado para a missão entre os gentios (Gl 2,9).

Esse pequeno exemplo ilustra a diversidade das experiências cristãs dos primeiros tempos. Vamos observar como isso aparece nas comunidades cristãs de diferentes locais e regiões.

1. **Galileia:** O movimento de Jesus nasce na Galileia. Após sua morte/ressurreição, diferentes fatos e ditos do galileu Jesus ficaram guardados na memória do povo da região e diferentes grupos se formaram. Alguns guardaram viva a memória dos milagres; outros a experiência de a comunidade se reunir em torno de uma mesa comum; e

houve os que escolheram a vida itinerante e missionária para anunciar a boa nova. Um importante documento da época, chamado fonte “Q” (do alemão *Quelle*, que significa “fonte”), registrou essas memórias, que foram preservadas nos evangelhos de Lucas e Mateus. O documento fala do projeto social das comunidades cristãs primitivas da Galileia, formada por camponesas/es, pescadores, artesãos/aos, gente trabalhadora que está ameaçada por dívidas e perdas da terra, por tributos e dízimos. Por isso, são pobres, choram, têm fome (Lc 6,20-23; 10,21-22). Nas comunidades que buscam a renovação da vida dos pobres da Galileia, lembrar de Jesus como aquele que revela o amor de Deus por todas e todos recobra a esperança da gente simples dessa região, longe de Jerusalém e do Templo.

2. **Jerusalém:** A comunidade cristã em Jerusalém foi fortemente influenciada pelo judaísmo e pela presença e liderança de alguns dos apóstolos. Tiago, por exemplo, assume a liderança dessa igreja a partir dos anos 40 (cf. Gl 2,9; At 15,13-21). Esses líderes serviam como guardiães da tradição judeu-cristã. Nesse período, acontece um fato marcante: cresce a imposição do culto ao imperador, que, na época, era Calígula, e ele manda colocar sua estátua no templo de Jerusalém. Este ato, considerado uma profanação do templo, fere profundamente o orgulho religioso dos judeus. O nacionalismo judaico cresce e a igreja cristã sofre o reflexo tornando-se ainda mais judaica. Com isso, a imposição das tradições religiosas judaicas aos cristãos gentios aumenta. O livro dos Atos dos Apóstolos deixa transparecer o clima existente no cristianismo de

Jerusalém quando narra o retorno de Paulo à cidade (cf. At 21,15-40). Os anciãos da comunidade demonstram insatisfação com a presença dele e o acusam de ter traído a causa do judaísmo na diáspora. Para eles, Paulo ensinara os judeus a abandonarem Moisés e a não circuncidarem os filhos. A prática da igreja cristã de Jerusalém revela sua dificuldade em aceitar a maneira como Paulo e o seu grupo entendeu e anunciou a boa nova aos gentios.

3. **Antioquia:** Cidade importante da Ásia, foi feita capital da província romana da Síria pelo imperador Pompeu em 64 a.C. No século I d.C., Antioquia tinha em torno de 300 mil habitantes e foi transformada na mais romanizada cidade do Oriente. Só Roma e Alexandria a superavam. A cidade, rica e cosmopolita, abrigou um grande número de judeus. Afinal, barreiras de religião, raça e nacionalidade eram facilmente superadas, e a tolerância era motivo de orgulho cívico. Este ambiente deve ter atraído cristãos helenistas perseguidos pela religião judaica em Jerusalém nos anos 30 d.C., quando Estevão foi assassinado. O cristianismo aí floresceu. Dois judeus cristãos da diáspora ajudaram no crescimento das comunidades antioquenas: Barnabé, levita da cidade de Chipre (At 4,36-37), e Paulo, judeu de Tarso (At 11,25). Além de Jerusalém, nenhuma outra cidade do Império Romano desempenhou um papel tão importante quanto o de Antioquia na vida da igreja primitiva. A comunidade cristã antioquena, formada por pessoas de diferentes origens, partilha o pão, aprende a conviver com o diferente e envia seus membros em missão. Os problemas em Antioquia apareceram principalmente em relação à igreja de Jerusalém, que não

aceitava o convívio de judeus cristãos com cristãos gentios à mesa (Gl 2,11-14). A intervenção de Jerusalém fez com que Paulo partisse de Antioquia para abrir novas fronteiras missionárias na região da Ásia Menor, Europa e Grécia.

4. **Comunidades animadas por Paulo e suas/eus colaboradoras/es:** As cartas escritas por Paulo mostram o empenho missionário em levar a boa nova para além da cultura judaica. Paulo foi o grande evangelizador do mundo gentio, e as comunidades que receberam sua influência estavam espalhadas em diferentes regiões da Ásia Menor e Europa: Filipos, Tessalônica, Corinto, Galácia. Essas comunidades possuíam características próprias, fruto da realidade local de cada uma, mas também apresentavam pontos em comum, uma vez que estavam inseridas na cultura greco-romana. Destacamos três semelhanças entre elas. *Primeira:* as comunidades são formadas, basicamente, por cristãos/os de origem greco-romana; *segunda:* seus membros sofrem pressão dos judaizantes, que querem obrigar os cristãos gentios à prática da Lei mosaica, em especial os ritos de purificação e a circuncisão (3, 1-19; Gl 3, 1-29); *terceira:* os membros das comunidades têm dificuldade em deixar para trás os costumes trazidos da sua cultura de origem, o que gera conflitos (1Cor 5,1-13; 6,1-20; 7,12-16); têm problemas de relacionamento na vida comunitária (2, 6-7; 1Cor 12,1-14,25); e têm problemas com as autoridades locais (1Cor 6, 1-11).
5. **Roma:** Fonte importante para conhecer o cristianismo primitivo em Roma é a Carta aos Romanos. A linguagem que Paulo utiliza nos faz supor que a comunidade era

formada tanto por judeus quanto por gentios que acolheram a boa nova. Sabemos que no primeiro século da nossa era havia, na cidade de Roma, uma grande comunidade judaica que atraía inúmeras pessoas ao judaísmo, os chamados “prosélitos gentios” e os “tementes a Deus”. A essas pessoas foi dirigido o anúncio da boa nova. Contudo, os conflitos entre judeus cristãos e gentios cristãos apareceram na convivência, pois a igreja romana é formada por diferentes comunidades que se reúnem nas casas (Rm 16,5.10-11.14-15). Para superar as diferenças e conflitos, judeus cristãos e gentios cristãos formaram comunidades separadas. As comunidades mistas, ou seja, as comunidades formadas pelos dois grupos existiram em Roma, provavelmente, em número menor (Rm 14,1ss).

A viagem que fizemos por algumas comunidades cristãs primitivas apontam para um cristianismo que é plural em sua origem. Essa constatação é importante. Hoje, como ontem, nossas comunidades precisam valorizar as diferentes formas de entender e colocar em prática a boa nova de Jesus. Os conflitos que podem surgir dessa diversidade não devem nos dividir, mas ser estímulo para que nossas comunidades e cada um de seus membros testemunhem que a diversidade e a pluralidade são fatores de crescimento individual e comunitário. Em um mundo globalizado, deparamo-nos cotidianamente com essa realidade. Acolher a diversidade e conviver com ela faz parte da nossa identidade cristã.

SEGUNDO ENCONTRO



TEMA: Cristo será engrandecido em meu corpo, pela vida ou pela morte.

PERSONAGENS: Cristo, comunidade, Espírito, Paulo, adversários.

TEXTO: Fl 1,12-26.

PALAVRAS-CHAVE: prisões, Cristo, proclamação, evangelho, carne, engrandecido, vida e morte, alegria, regozijo, dilema.

PERSPECTIVA: Anunciar e viver a boa nova exige compromisso até às últimas consequências.

“Cristo é proclamado, e com isso me regozijo.” (1,18)

ATENÇÃO: Ao preparar o encontro, o grupo ou a comunidade, conforme sua realidade e sua criatividade, pode mudar os cantos, as perguntas e a forma de celebrar a vida.

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, velas, flores, a cruz, o painel confeccionado no primeiro encontro (se possível).
- Preparar um recipiente com óleo perfumado.

2. Acolhida

Dirigente: Que bom estarmos aqui para rezar, estudar e refletir a partir da experiência que Paulo e a comunidade de Filipos fizeram do evangelho.

No primeiro encontro, refletimos que o afeto, a ternura e a solidariedade fortificam os laços comunitários e nos fazem testemunhas da boa nova. Hoje, vamos refletir sobre a força que a boa nova exerce na vida de Paulo. Peçamos as luzes do Espírito de Deus para nosso segundo encontro, cantando:

Tua família aqui reunida vem hoje pedir-te, Senhor, a paz, que nos vem de tua vida e é fruto do teu amor.

- 1 - Quando o ódio, a vingança, o rancor vierem nos destruir, nós queremos ser em tuas mãos instrumentos do teu amor.*
- 2 - Quando a ofensa e discórdia, enfim, romperem a união, nós queremos ser em tuas mãos instrumentos do teu perdão.*

Dirigente: Alguém de nós tem alguma experiência para contar sobre o gesto concreto sugerido no primeiro encontro? Lembramos algo que tenha iluminado nossa vida durante a semana?

Dirigente: Vamos olhar o desenho que ilustra o tema de hoje e partilhar com quem está ao nosso lado o que pensamos. Escolher uma palavra que expresse o que a dupla conversou.

3. Motivando a conversa:

Leitora ou leitor 1: “Hoje eu sinto a morte de perto e penso muito nela. Não tenho medo de arriscar, de morrer pela defesa dos direitos das pessoas”. Esta frase é de José Luiz Azcona, bispo da Prelazia de Marajó e um dos três bispos ameaçados de morte no Pará. Os outros dois são dom Flávio Giovenale, da Prelazia de Abaetetuba, e dom Erwin Kräutler, da Prelazia do Xingu. Eles estão ameaçados de morte porque denunciam a violação dos direitos humanos em sua região: exploração sexual de crianças e adolescentes; tráfico de mulheres para a prostituição fora do país; tráfico de drogas; trabalho escravo; grilagem de terras, derrubada e tráfico de madeira.

Além dos bispos, também estão ameaçados de morte, no Pará, centenas de outras pessoas. Elas são lideranças de trabalhadoras/es rurais e agentes de pastoral. Esse é o preço que estão pagando todas as pessoas que lutam pela justiça.

Dirigente: São muitas as pessoas que se comprometem com a defesa da vida, contrariando interesses individuais e grupais, por isso são perseguidas. A partir do relato que ouvimos alguém gostaria de fazer um comentário?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Paulo está preso em Éfeso, e a comunidade cristã de Filipos está preocupada com ele. O apóstolo escreve à comunidade para confortá-la e mostra que sua

prisão não foi um empecilho para o anúncio da boa nova. Pelo contrário. Como prisioneiro, Paulo teve chance de dizer às autoridades romanas o motivo de sua prisão, dando assim testemunho do Senhor publicamente.

Leitora ou leitor 3: No entanto, a prisão não é o único problema de Paulo em Éfeso. A comunidade cristã dessa cidade parece que está dividida em relação ao apóstolo. Alguns não aceitam muito bem sua liderança, nem o fato de um evangelizador ser prisioneiro. Outros pensam que Paulo deveria escolher o martírio, pois isso provaria seu compromisso com o evangelho, até as últimas consequências.

Diante de tudo isso, Paulo ainda afirma que para ele o viver é Cristo e morrer é lucro. Porém, ele não pode escolher a morte, uma vez que está convencido de que sua presença e seu trabalho missionário ainda são importantes para a comunidade de Filipos e para a expansão da boa nova.

5. Leitura do texto

Dirigente: Com a mente e o coração abertos, vamos acolher a Palavra de Deus cantando:

**É como a chuva que lava, é como o fogo que arrasa.
Tua Palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal. (bis)**

Leitora ou leitor 4: Fl 1,12-26

Dirigente: *Para conversar*

- a) O que a prisão de Paulo causou em muitas/os cristãs/os de seu tempo?

- b) Como Paulo compreende sua prisão?

6. Iluminando a vida

Leitora ou Leitor 5: Ainda que na prisão e sofrendo a incompreensão de muitos membros da comunidade de Éfeso, Paulo não se abate nem perde o foco de sua vida e missão: o anúncio da boa nova – Cristo crucificado e ressuscitado. O Senhor deve ser engrandecido pela vida ou pela morte do apóstolo. Isto é o que impulsiona o evangelizador na superação de todo sofrimento e perseguição.

- a) Por que nossas lideranças são perseguidas e até mortas em alguns lugares e em outros não? O que isto indica para nós?
- b) Como estamos realizando a evangelização?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Mesmo em meio às incompreensões e perseguições, a boa nova deve ser anunciada. Rezando o salmo 27 (26), unimo-nos às mulheres e aos homens que são perseguidas e perseguidos por causa do Reino. Que a força de Deus e de todas as pessoas comprometidas com a mesma causa, esteja com elas e eles.

Mulheres: “O Senhor é minha luz, é ele que me salva! De quem terei medo?

É Deus o fundamento da minha vida. Quem poderá me abalar?”

Todas/os: Cristo será engrandecido em meu corpo, pela vida ou pela morte.

Homens: Ainda que venham com um exército inteiro contra mim, não terei medo algum. Mesmo que travem batalha comigo, não deixarei de confiar.

Todas/os: Cristo será engrandecido em meu corpo, pela vida ou pela morte.

Mulheres: Apenas uma coisa desejo e peço ao Senhor: ser sua hóspede por toda a minha vida, viver na sua presença, e experimentar a sua amizade.

Todas/os: Cristo será engrandecido em meu corpo, pela vida ou pela morte.

Mulheres e homens: Quando vier a aflição, ele me acolherá, e sentirei minha vida em segurança.

Todas/os: Cristo será engrandecido em meu corpo, pela vida ou pela morte.

Dirigente: Desde os tempos mais antigos e em diferentes culturas, os óleos são utilizados das mais diversas formas e em diversas ocasiões. Na tradição cristã, ele é usado inicialmente no Batismo com a função de nos fortificar e nos proteger contra o mal.

Pedindo a Deus forças para não nos omitirmos frente às injustiças e para vivermos de acordo com o projeto de Jesus, vamos nos ungir. Duas mulheres, a mais nova e a mais velha do grupo, fazem o sinal-da-cruz no peito de cada pessoa, dizendo:

“O Espírito de Deus te fortifique. Que ele penetre tua vida, como este óleo em teu peito, e te faça testemunhar a boa nova”.

Dirigente: Enquanto a unção ocorre, vamos cantar

O Espírito do Senhor repousa sobre mim, o Espírito do Senhor me escolheu, me enviou. (bis)

- 1- Para dilatar o seu reino entre as nações. Para anunciar a boa nova a seus pobres. Para proclamar a alegria e a paz. Exulto de alegria em Deus, meu salvador.*
- 2- Para dilatar o seu reino entre as nações. Consolar os corações esmagados pela dor. Para proclamar sua glória e salvação e acolher quem sofre e chora, sem apoio, sem consolo.*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler o texto de Fl 2,1b-11. Quem puder leia as orientações em preparação ao terceiro encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a outra pessoa.

- Lembrar de trazer a Bíblia.
- A comunidade ou família que acolherá o grupo no próximo encontro precisa preparar o cartaz com o tema da reflexão.

9. Gesto concreto

Durante a semana, procurar manter a serenidade em meio às dificuldades cotidianas. Sugerimos a oração da serenidade. Ao

rezá-la, lembremos das pessoas perseguidas porque se comprometeram com a defesa da vida:

Senhor, dai-me coragem para mudar as coisas que podem ser mudadas.

Serenidade para aceitar as que não podem ser mudadas.

E sabedoria para perceber a diferença entre uma e outra.

10. Bênção final

Dirigente: Que Deus abençoe nossa vida e missão. Boa semana a todas e todos. Vamos em paz e que o Senhor nos acompanhe.

Todas/os: Amém.

Orientações para o segundo encontro

Situando o texto: Paulo e sua prisão em Éfeso

Paulo está preso em Éfeso quando escreve a Carta aos Filipenses. Essa cidade (atual Turquia) é considerada a principal da Ásia Menor. Ela serve de centro administrativo e comercial. Conta com muitos edifícios, um grande teatro, o prédio da prefeitura, um mercado, ginásios, estádio e uma escola de medicina. Ela sedia festivais e competições atléticas e, a cada quatro anos, acontecem ali os “Jogos comuns da Ásia”.

Ártemis é sua deusa protetora e o seu culto é um dos mais significativos do Império Romano. Segundo historiadores, o povo considerava o relacionamento da cidade com a deusa como uma aliança divinamente estabelecida.

Paulo fez uma primeira breve visita a Éfeso quando partiu de Corinto para Jerusalém (cf At 18,18-22), por volta do ano 51

d.C. Um ano mais tarde, ele voltaria à Éfeso, pois a cidade foi escolhida para ser sua nova base missionária. Sua localização privilegiada permitia o contato com diferentes comunidades animadas e orientadas por Paulo e sua equipe de colaboradoras/es.

O primeiro ano de Paulo em Éfeso parece ter sido tranquilo. Priscila e Áquila fizeram um bom trabalho. Foi nesse ano que Paulo ouviu falar, pela primeira vez, de Apolo, judeu convertido ao cristianismo, natural de Alexandria. Além disso, Paulo teve a chance de conhecer um pequeno grupo que se considerava seguidor de Jesus de Nazaré, mas nunca tinha ouvido falar da sua morte e ressurreição e da vinda do Espírito Santo. Só conhecia o batismo de João. Paulo batizou os membros desse grupo (cf. At 19,1-7).

Não temos outras informações sobre a composição da igreja de Éfeso. Apenas que enviou missionários para Corinto (1Cor 16,19). No entanto, como a cidade de Éfeso é semelhante à cidade de Corinto, é possível que as comunidades cristãs tenham realidades semelhantes. Por exemplo: há mais gentios que judeus; mais pobres do que ricos; a maioria dos membros da comunidade efesina deve ser de escravas/os; e, possivelmente, o número de mulheres seja maior do que o de homens.

Paulo teve muitos problemas em Éfeso, entre eles, a prisão. O que sabemos sobre isso está nos Atos dos Apóstolos. Vejamos como foi.

Houve um grande tumulto em Éfeso gerado por certo Demétrio e alguns artesãos que trabalhavam na produção de nichos da deusa Ártemis. Tudo começou com a pregação de Paulo, que dizia: “não são deuses os que são feitos por mãos humanas” (At 19,26). Com esse discurso, muita gente deixou de comprar as imagens da deusa e de visitar seu templo. Os ourives e os demais comerciantes que viviam em função do templo da

deusa, fabricando imagens, perderam freguesia. Resolveram, então, incitar a multidão contra as/os cristã/os. A partir desse momento, a vida de Paulo e das comunidades não seria mais a mesma, pois, nesse ano, provavelmente julho de 53 d.C, um novo procônsul foi empossado. Informado sobre o movimento religioso que atraía inúmeros adeptos, o procônsul ficou receoso que o movimento cristão pudesse ter algum caráter político. Como medida, mandou prender gente do movimento. Paulo, que fazia pregações em lugares públicos, logo foi identificado e aprisionado, juntamente com Aristarco e Epafras. A Carta a Filêmon (Fm 23), do mesmo período que Filipenses, confirma a prisão. Na Segunda Carta aos Coríntios, Paulo também fala dos sofrimentos que enfrentou na Ásia: “Não queremos, irmãos, que o ignoreis: a tribulação que padecemos na Ásia, acabrunhou-nos ao extremo, além das nossas forças, a ponto de perdermos a esperança de sobreviver. Sim; recebêramos em nós mesmos a nossa sentença de morte, para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita dos mortos. Foi ele que nos libertou de tal morte, e dela nos libertará; nele depositamos a esperança de que ainda nos libertará da morte” (2Cor 1,8-10).

Vamos ouvir o apelo que Paulo, prisioneiro por causa de Cristo, faz à comunidade de Filipos.

Comentando o texto: Fl 1,12-26

O relacionamento próximo que Paulo estabeleceu com a comunidade cristã de Filipos exige uma comunicação constante, ainda mais nesse momento em que o apóstolo encontra-se preso. Ele se dirige à comunidade e lhe fala de sua situação, mas não deixa de fazer referência ao progresso do evangelho, mostrando que sua prisão não foi um empecilho ao anúncio da boa nova. Pelo contrário, como prisioneiro, teve chance de dar testemunho

de Cristo na residência oficial do governador da Ásia, local onde se exerciam as funções jurídicas. Paulo aproveita as audiências durante o processo para esclarecer os motivos de sua prisão: a proclamação da mensagem cristã (1,13). Além disso, sua prisão foi motivo para que vários membros da comunidade local se sentissem encorajados pelo seu testemunho. Assim, tornaram-se mais ousados e destemidos no anúncio (1,14). Essa informação parece apontar para um ambiente hostil e perigoso para a proclamação da boa nova. A comunidade efesina devia sofrer perseguição e hostilidade dos habitantes da cidade e/ou das autoridades locais.

Contudo, nem todos os membros da comunidade estavam unidos e solidários a Paulo nesse momento difícil. E mais. Ele constata que o evangelho é anunciado com diferentes propósitos (1,15): certos membros da comunidade, a partir da prisão de Paulo, evangelizam com boa vontade e por amor (1,16); outros, no entanto, proclamam o evangelho por inveja, rivalidade, sem sinceridade, acrescentando, assim, sofrimentos a Paulo (1,17-18). Paulo admite, com essas palavras, a existência de divisões dentro da comunidade de Éfeso, que parecem estar relacionadas ao seu modo de evangelizar e à sua prisão. A partir dessas informações, podemos levantar algumas suposições quanto à aceitação que Paulo teve em Éfeso:

a) Priscila e Áquila trabalharam um ano antes da chegada de Paulo à cidade. É possível que membros da comunidade tenham se identificado e aceito a liderança do casal e não aceitaram que Paulo tivesse chegado depois e assumido a liderança. Para esses, a prisão do apóstolo era a certeza de que podiam prescindir dele, uma vez que a evangelização se expandira na cidade, mesmo com a sua prisão.

b) É provável que alguns cristãos de Éfeso estivessem dispostos a fazer qualquer coisa para não chamar a atenção dos romanos ou gerar oposição em suas comunidades. O aprisionamento de Paulo poderia colocar em risco a segurança dessas/es cristãs/os. É possível que muitos membros da comunidade efesina não concordassem com o que Paulo fez e que resultou na sua prisão.

O que é possível afirmar é que nem todos os membros da comunidade de Éfeso acolheram Paulo de braços abertos. No entanto, ainda que isto lhe cause sofrimento, ele não se abate e não coloca em risco seu compromisso missionário por desavenças e antipatias pessoais, pois o que importa é que Cristo seja proclamado (1,18; cf. Gl 1,6-9): “Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9,16). Ou seja, Paulo tem como meta o anúncio da boa nova, e nenhuma situação é motivo para desviá-lo dessa direção. Por isso, segue em seu propósito, e sabe que não está sozinho. A certeza da unidade da comunidade de Filipos, expressa por meio da oração, e a presença do Espírito de Jesus em sua vida lhe dão forças (1,19). Na prática, Paulo experimenta que evangelizar não é um ato isolado, mas fruto da solidária participação de todos e todas no projeto comum.

A partir do v.20 Paulo aponta para o futuro. O que importa é continuar fiel e servir o Deus da vida que se faz presente em Jesus Cristo. Por isso, tudo se reveste de um sentido novo, mesmo o sofrimento. Ele não é em vão, pois a vida de Paulo está direcionada para Cristo. Aliás, ele já vive em Cristo, por isso pode dizer: “para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (1,21). Contudo, Paulo reconhece a importância de sua presença e do seu trabalho missionário para a caminhada das comunidades. O compromisso com o anúncio do evangelho é

mais importante (1,23-25). Como evangelizador, ele conhece, de perto, os problemas que as comunidades enfrentam e quer ajudar a superá-los. Sua presença será motivo de expansão do evangelho, e Cristo continuará a crescer no meio das comunidades (1,26)

Aprofundando: A perseguição no cotidiano da missão

Naufrágios, fadigas, perigos de morte, flagelo, apedrejamento, fome, sede, nudez... sempre fizeram parte do cotidiano da missão de muitas/os evangelizadoras/es dos primeiros tempos. No entanto, o grande desafio era viver a boa nova de Jesus no contexto da cultura greco-romana, uma vez que a pessoa teria valor apenas se preenchesse alguns critérios, como:

- possuir riqueza;
- ter o título de cidadania romana;
- participar de alguma forma da esfera do poder.

Preencher esses requisitos era a “porta de entrada” para receber honras públicas, exigir direitos e conservar privilégios. Paulo e Silas não preenchem os requisitos de pessoas honradas segundo essa cultura. Por isso, foram caluniados e presos em Filipos quando intervieram nos interesses de pessoas ricas e poderosas (cf. At 16,17-24); conseqüentemente, a vida corria risco: “Minha expectativa e esperança é que em nada serei confundido, mas com toda a ousadia, agora como sempre, Cristo será engrandecido no meu corpo, pela vida ou pela morte” (1,20).

Cristãos e cristãs de Filipos passam pelo mesmo problema e são obrigados a enfrentar diariamente riscos e perseguições por viverem um estilo de vida diferente. Vejamos:

- a) Na cultura greco-romana é comum as pessoas se reunirem em associações, principalmente de trabalhadoras/es do mesmo ramo. Assim elas garantiam benefícios, como: serviços funerários; apoio financeiro; reconhecimento social. Nessas associações, uma divindade era escolhida como protetora do grupo e a ela se prestava culto. Quem abraçava a proposta cristã deixava esse tipo de prática. Consequentemente, ao se afastar da associação, era “boicotado”. Um pequeno fabricante e comerciante de pães, por exemplo, ao se afastar de sua associação, corria o risco de não mais receber a farinha dos fornecedores, e recebia represálias até de seus fregueses, que não mais consumiam seus produtos.
- b) Quando Filipos se tornou colônia romana, muitos oficiais e soldados do exército imperial receberam terras e benefícios na região como pagamento pelos serviços prestados. Os antigos donos e moradores das propriedades foram expulsos e como alternativa de sobrevivência muitos arrendavam terras. Um/) arrendatário/a se fosse identificado como cristão/o pelo dono romano, que cultuava o imperador, podia perder o direito de arrendamento. Sendo devedor, a situação se agravava, pois a dívida era cobrada com mais severidade.
- c) Na vida familiar também havia conflitos. Nos casamentos mistos, onde um dos cônjuges tornava-se cristão(o), havia o perigo de separação, como ocorreu na comunidade cristã de Corinto (cf. 1Cor 7,12-16). O conflito podia envolver filhas e filhos quando assumiam o cristianismo. O problema de consciência era tremendo. Como deixar de comer uma carne sacrificada aos ídolos, quando toda a

família participava da refeição? Como casar com alguém que não era cristão?

- d) Na região mediterrânea foi adotado o culto do poder romano como parte das tradições locais. Algumas cidades instituíram festivais regulares, chamados *Romaia*, em seus calendários, celebrados com jogos e sacrifícios; outras comunidades erigiram estátuas e altares aos cidadãos romanos que lhes patrocinavam ou governavam; outras ainda estabeleciam cultos dedicados ao povo romano. Mas talvez o ato mais comum de reverência tenha sido o culto público à personificação de Roma, a deusa Roma. A proposta cristã supunha a não-participação nesses momentos cívicos. A ausência de pessoas que pertenciam às comunidades cristãs era logo percebida.
- e) No caso da escravidão, a situação era pior. Uma pessoa escravizada devia cultuar a mesma divindade de sua/eu patroa/ão. A recusa seria motivo para que a/o escrava/o fosse castigada/o ou mesmo vendida/o. No caso de Filêmon, podemos constatar como a boa nova convivia a relações diferenciadas entre senhor/a e escravo/a. Todas/os fazem parte da mesma família em Cristo (Fm 16). Muito diferente da visão da sociedade greco-romana.

Denúncias, desprezos, bens confiscados e colocados em leilão, e até derramamento de sangue, era o preço pago por abraçar o projeto de Jesus de Nazaré. Muitas/os acabavam abandonando a comunidade. Os que ficavam experimentavam os ganhos da vida comunitária: apoio mútuo, resgate da dignidade, possibilidade do exercício de liderança, reconhecimento de seu

valor como pessoa, independentemente de *status* social, sexo ou etnia... Viver assim era se sentir especial e experimentar cotidianamente o amor de Deus.

TERCEIRO ENCONTRO



TEMA: Cristo Jesus se despojou assumindo a condição de escravo.

PERSONAGENS: Paulo, comunidade, Cristo Jesus, Deus.

TEXTO: Fl 2,1-11.

PALAVRAS-CHAVE: conforto, Cristo, consolação, amor, Espírito, competição, ternura, vanglória, condição de Deus, humilhação, escravo, exaltação.

PERSPECTIVA: O seguimento de Jesus Cristo exige despojamento de si mesmo e escolha incondicional dos valores do evangelho.

“...nem cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros” (2,4).

ATENÇÃO: Ao preparar o encontro, o grupo ou a comunidade, conforme sua realidade e sua criatividade, pode mudar os cantos, as perguntas e a forma de celebrar a vida.

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, velas, flores, cruz com pano branco, o painel confeccionado no primeiro encontro (se possível);
- Providenciar pequenas tiras de papel (por respeito ao meio ambiente, o papel pode estar usado de um lado), fita adesiva e canetas.

2. Acolhida

Dirigente: Bem-vindas, bem-vindos! Demonstrando alegria porque estamos entre irmãs e irmãos, vamos abraçar a pessoa à nossa direita. Em seguida, fazer o sinal da cruz em sua testa e dizer: *Cristo Jesus se despojou tomando a condição de escravo.*

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar uma experiência, fruto da reflexão do encontro passado? Como foi a vivência do gesto concreto?

Dirigente: Uma nova ilustração acompanha o tema desse terceiro encontro. Vamos olhá-la. Que impressões ela nos causa? *(Após um momento de silêncio, convidar à partilha.)*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Graça e Joaquim estão casados há muitos anos. Ele já está aposentado, mas Graça ainda trabalha como zeladora. Apesar das dificuldades, os dois conseguiram criar suas filhas e filhos e já são avós. Joaquim andava sentindo dores no estômago e procurou um médico. Após muitos exames,

o médico constatou a existência de um tumor maligno. Marido e mulher andaram de um lado para outro procurando uma vaga para fazer tratamento o mais rápido possível, mas estava difícil. O câncer não esperou e Joaquim precisou ser internado às pressas, sem muita esperança de recuperação.

Leitora ou leitor 2: Dois amigos de sua esposa, uma religiosa e um padre, foram visitá-lo. Joaquim estava muito enfraquecido, mas, com a força que ainda lhe restava, pediu: “Rezem comigo o salmo 23 (22)?”. Pouco tempo depois, Joaquim faleceu.

Dirigente:

- Alguém de nós já passou por uma experiência semelhante, ou conhece um caso parecido?
- Onde as/os excluídas/os dos direitos fundamentais, como o direito à saúde, encontram forças?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 3: A cidade de Filipos é colônia do Império Romano. Quem vive aí se sente morando em uma pequena Roma: o teatro, o fórum, os templos e os prédios administrativos são cópias da sede do império. Além disso, numa colônia, existem pessoas que tem a cidadania romana e, por isso, exigem seus direitos e usufruem de privilégios como a isenção de impostos; o direito de adquirirem terras e outros bens; o direito a julgamento, em caso de acusação. No entanto, isso é vetado às pessoas pobres e às/aos escravas/os.

Leitora ou leitor 4: A comunidade cristã é formada por membros que pertencem a diversos grupos: grupo que tem

cidadania romana; grupo que não possui cidadania; grupo de pessoas pobres; grupo de escravas e escravos. As diferenças e os conflitos na comunidade são inevitáveis: competição, ostentação, sentimento de superioridade e sentimento de inferioridade; busca dos próprios interesses...

Paulo faz um apelo à mudança, apresentando um modelo de vida para quem deseja assumir o caminho de Jesus. Vamos ouvir.

5. Leitura do texto

Leitora ou leitor 5: Fl 2,1b-11

Dirigente: *Para conversar*

- a) O que Paulo pede aos membros da comunidade?
- b) Qual o rosto de Jesus que transparece no hino?

6. Iluminando a vida

Dirigente: A comunidade cristã de Filipos sofre os reflexos do modelo de privilégios existente na sociedade imperial: alguns de seus membros se sentem superiores aos demais. Paulo sabe que a comunidade só terá o rosto de Jesus se cada um de seus membros assumir a condição de escrava/o em relação aos outros. Esta é a maneira de a comunidade brilhar como astro no mundo, e ser mensageira da Palavra de vida (2,15-16). Hoje ainda vivemos numa sociedade em que não há apenas pessoas excluídas, mas “descartadas”.

- a) De que maneira podemos servir uns aos outros na comunidade?

- b) Onde vemos espelhado, em nossa realidade, o rosto de Jesus despojado, escravizado e humilhado? Qual o nosso compromisso diante dessa realidade?

(Após a partilha, escrever, nas pequenas tiras de papel, “os rostos” que foram citados.)

7. Celebrando a vida

(O grupo forma um círculo em torno da cruz.)

Iniciemos nossa celebração com uma canção que nos convida a enxergar o rosto de Jesus no cotidiano de nossa vida:

Seu nome é Jesus Cristo e passa fome, e grita pela boca dos famintos. E a gente quando o vê passa adiante, às vezes pra chegar depressa à igreja. Seu nome é Jesus Cristo e está doente, e vive atrás das grades da cadeia, e nós tão raramente vamos vê-lo, pensando que ele é um marginal.

Entre nós está e não o conhecemos. Entre nós está e nós o desprezamos (bis).

Seu nome é Jesus Cristo e está sem casa, e dorme pelas beiras das calçadas, e a gente quando o vê apressa o passo, e diz que ele dormiu embriagado. Seu nome é Jesus Cristo e anda sedento, por um mundo de amor e de justiça, mas logo que ele luta pela paz, a ordem o obriga a ser da guerra.

Dirigente: Paulo apresenta o “rosto” de Jesus: despojado, humilhado, não tinha como se defender... e finalmente morto na cruz. Hoje muitas pessoas estão vivendo em situação semelhante. Quem são os humilhados de hoje? (*As pessoas falam e pregam*

na cruz o papel onde foi escrito “o rosto”. Entre um nome e outro, proclamar o refrão: “Tu és o Deus dos pequenos, o Deus humano e sofrido”.)

Dirigente: Vamos ajoelhar e fazer um momento de silêncio diante desses “rostos”

Dirigente: *(As pessoas ainda ajoelhadas.)* A fé no Deus libertador é a força e esperança das pessoas consideradas fracas e sem valor. Elas sabem que Deus exaltou Jesus e exalta toda pessoa humilhada (2,9). O cântico de Maria proclama: “Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou” (Lc 1,46-55). Nessa certeza e como expressão de nosso compromisso com a prática da justiça e do amor solidário, vamos cantar.

Virá o dia em que todos, ao levantar a vista, veremos nesta terra reinar a liberdade. (bis)

1 - Minha alma engrandece o Deus libertador, se alegra meu espírito em Deus meu salvador, pois ele se lembrou do seu povo oprimido, e fez de sua serva a mãe dos esquecidos.

2 - Protege o seu povo com todo o carinho, fiel é seu amor em todo o caminho. Assim é o Deus vivo que marcha na história, bem junto do seu povo, em busca da vitória.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler o texto de Fl 2,19-30. Quem puder leia as orientações em preparação ao quarto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a alguma pessoa conhecida.

- Lembrar de trazer a Bíblia.
- A família ou comunidade que acolher o próximo encontro prepara o cartaz com o tema do dia.

9. Gesto concreto

Demonstrar solidariedade a uma pessoa ou a um grupo que esteja em situação de escravidão, sofrimento ou humilhação. *(A partir de sua realidade, o grupo avalia o que pode ser feito.)*

10. Bênção final

Dirigente: Rezemos o Pai-nosso, pedindo que Deus nos dê a graça de viver de forma coerente a boa nova que anunciamos.

Todas/os: *Pai nosso...*

Dirigente: Vamos em paz.

Todas/os: Amém.

Orientações para o terceiro encontro

Situando o texto: “Levai uma vida de cidadão”

Para uma melhor compreensão de Filipenses 2,1-11, é importante situar um termo grego usado em Fl 1,27: *politeuesthai*. Literalmente o termo significa:

“Levai uma vida de cidadãos”. Tal expressão, no contexto da época, exaltava uma conduta civil de acordo com as normas estabelecidas pela *pólis* (cidade) grega. Na cidade de Filipos, significa o orgulho das/os filipenses de viver em uma colônia

romana e poder usufruir não só do título de cidadania, como também de privilégios como: dispensa do serviço militar: direito de apelar depois do julgamento e de escolher um julgamento local ou romano: isenção de tributo fixo sobre as terras: direito de contribuir com apenas 5% sobre o valor dos escravos comercializados e contribuir com a penas 5% sobre o valor da herança; isenção do imposto provincial; direito de adquirir, conservar e transferir propriedades; direito de emitir moedas próprias cunhadas com inscrições latinas; direito de não receber açoites. Além disso, Filipos é uma Roma em miniatura: os prédios das instituições administrativas e judiciárias; a arquitetura do teatro, da biblioteca, do fórum, dos locais de banhos e os aquedutos; a presença do exército imperial... tudo fazia lembrar a capital romana e aumentar o orgulho de sua população.

Em contrapartida, existe na cidade uma população que não usufrui da cidadania - escravas e escravos em sua maioria. Essa realidade gera conflitos, pois se trata de uma sociedade piramidal, cuja estrutura assim se apresenta: no topo estão as pessoas mais abastadas – latifundiários, grandes comerciantes, administradores com altos cargos. Esse grupo oscila entre 1% e 5% da população. No corpo da pirâmide está o grupo de trabalhadores – mestres, comerciantes, artesãos... Na base, está a população escrava, que trabalha na agricultura, na pecuária, no trabalho artesanal e, sobretudo, no porto, carregando e descarregando mercadorias e produtos trazidos das diversas regiões do Mar Mediterrâneo. Era um trabalho penoso que poderia levá-los à morte. A vida dessas pessoas estava nas mãos de seus senhores e amos (*kyrios, dominus*).

Na comunidade cristã, participam pessoas que têm cidadania romana, pessoas que não possuem a cidadania – sejam pobres ou não – e pessoas escravas. Mas entre os membros não

pode haver divisões, pois a comunidade não pode reproduzir o modelo piramidal. É urgente superá-lo. Por isso, ao usar o termo *politeuesthe* na carta, Paulo convoca a comunidade cristã a sentir orgulho de sua adesão à boa nova, e aponta a diferença entre os projetos. Nas comunidades cristãs, a lei é o amor e o serviço mútuo. Todas e todos são cidadãos do Reino, do evangelho. Quem quer se sentir maior tem que servir mais.

Comentando o texto: Fl 2,1-11

Dos onze versículos que vamos comentar, os mais conhecidos são os v. 6-11. Esse conjunto é conhecido como “hino cristológico”, utilizado ainda hoje em diferentes momentos da liturgia. O hino era patrimônio das comunidades primitivas, que o utilizavam nas celebrações batismais. Por que Paulo o utiliza na Carta aos Filipenses? Para responder a essa pergunta é necessário não tirar o hino do conjunto dos onze versículos. Começemos, então, pelos versículos iniciais.

Nos v. 1-2, Paulo faz um apelo. O que ele pede? Em nome do conforto que Cristo oferece, pelo amor que a comunidade experimenta ou pode experimentar a partir da vivência comunitária, e pela comunhão que o Espírito de Jesus realiza entre os membros da comunidade, Paulo pede que a alegria dele seja levada à plenitude por meio de uma nova prática que deve surgir na comunidade. Que tipo de prática? Seus membros devem buscar a unidade de sentimentos, de amor, de alma e de pensamento. É um apelo exigente.

Os v. 3-5 apresentam o porquê do apelo. Na comunidade cristã parece existir competição, vanglória, ostentação e soberba. Isso é reflexo do modelo de sociedade greco-romana. Vale a pena ressaltar o termo competição, *eritheia* em grego. Nas cidades romanizadas, o comércio é intenso e a circulação de

dinheiro é grande. Competir é a ordem do dia! Paulo sabe que essa mentalidade está presente na comunidade. É preciso superá-la. Isso é possível pela prática da humildade, valorizando a outra pessoa mais do que a si próprio e cuidando do interesse de cada membro da comunidade, antes de cuidar dos próprios interesses. A proposta vai exigir muito da comunidade. Paulo, então, apresenta como modelo o exemplo de Jesus que está nos v. 6-11 do hino.

Esse hino cristão, muito antigo, é semelhante a outros que aparecem em Cl 1,15-20; 2Tm 2,11-13 e Ap 5,9-14. Nele encontramos dois movimentos. O primeiro celebra a humilhação voluntária de Cristo (v.6-9); o segundo celebra a exaltação de Cristo por Deus (v. 10-11). É o esquema “humilhação/exaltação” conhecido em outros textos bíblicos: Sl 113,7-8; 1Sm 2,1-11; Sl 22 (21); 118 e Is 52,13-53,12: “Eis meu servo... desprezado e abandonado pelos homens”.

O mesmo esquema do cântico do Servo de Isaías é utilizado para Jesus: “Ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um Deus...” (2,6-8). No entanto, a comunidade cristã o amplia a partir de sua fé em Cristo Jesus e o apresenta da seguinte forma:

- a) Jesus é chamado de Cristo e Kyrios, título destinado exclusivamente ao imperador César. Enquanto o imperador aceita a divindade imperial para dominar, Jesus a recebe como expressão de humildade (2,6).
- b) A “forma” ou imagem de Deus que Jesus apresenta (2,6) leva-o a agir de forma diferente de Adão (Gn 1,27). Adão coloca-se no lugar de Deus (Gn 3,1-7), Jesus, o segundo Adão (1Cor 15,45), escolhe ser humilde e obediente até a morte (2,8).

- c) Jesus se despoja e assume a condição de escravo (2,7). Essa condição é humilhante na sociedade greco-romano. O escravo não tem nenhum direito civil nem pode se defender de acusações injustas.
- d) Jesus não foge do projeto de Deus, mesmo sabendo que poderia ser crucificado (2,8). A crucificação é a penalidade máxima dada a pessoas acusadas das piores faltas. Alguém que possuísse cidadania romana era crucificado apenas em caso de alta traição ao império. Na tradição judaica, esse tipo de morte, por sua crueldade, é considerado “maldição de Deus” e ato de “impureza” (Dt 21,22-23).

O hino entra em seu segundo movimento, o de exaltação, a partir do v. 9.

O sofrimento e a morte do servo Jesus, a exemplo do servo sofredor de Isaías, não são castigo nem projeto de Deus, mas consequência de sua prática de justiça e solidariedade (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12), do seu amor e da sua fidelidade à missão que lhe foi confiada pelo Deus da vida e do seu compromisso extremo com as pessoas crucificadas e humilhadas. É exatamente na cruz que a mudança acontece. Deus exalta o servo e lhe dá um nome superior a todos os outros, justamente àquele que foi crucificado e considerado impuro e maldito aos olhos do modelo social dominante. O nome que ele recebe é Senhor, *Kyrios*. Seu senhorio, entretanto, manifesta-se no serviço e no amor/caridade (*agapē*) a todas e todos.

O hino a Cristo Jesus é uma exortação de Paulo à comunidade cristã de Filipos e às nossas comunidades hoje: “E é

isto o que peço: que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade” (1,9).

Aprofundando: O Deus dos oprimidos

O autor do hino a Cristo utilizou da tradição judaica o cântico do “servo sofredor”, baseado no esquema humilhação/exaltação. Do fundo da experiência da vida sofrida, brota a fé no Deus da vida e, nela, o pobre humilhado e oprimido não cessa de depositar a sua esperança: “Tua força não está no número, nem tua autoridade nos violentos, mas tu és o Deus dos humildes, o socorro dos oprimidos, o protetor dos fracos, o abrigo dos abandonados, o salvador dos desesperados” (Jt 9,11). A fé no Deus dos oprimidos é testemunhada e transmitida por meio de homens e mulheres que buscam a vida. Vamos ver de que forma:

a) Pobre sofredor

Sim, pois ele não desprezou, não desdenhou a pobreza do pobre, nem lhe ocultou sua face, mas ouviu-o, quando a ele gritou. De ti vem meu louvor na grande assembleia, cumprirei meus votos frente àqueles que o temem. Os pobres comerão e ficarão saciados, louvarão a Iahweh aqueles que o buscam: ‘Que vosso coração viva para sempre’ (Sl 22,25-27).

Os pobres insistem que Deus não despreza a pobreza nem lhes oculta a face. Ao contrário, ele escuta o clamor do pobre. Parece que o insistente clamor nos mostra o abandono do pobre no dia a dia da realidade do salmista. No temo do pós-exílio, consolida-se uma sociedade governada pelos teocratas, segundo os interesses do Império Persa (cf. Esd 7,25-26). A maioria

da população, especialmente a camponesa sem terra, experimenta exploração, fome e escravidão: “Os pobres da terra se escondem todos juntos. Nus passam a noite, sem roupa e sem coberta contra o frio... O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é empenhada” (Jó 24,4.7.9).

Aos olhos dos homens, o pobre é reduzido a nada: “Quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo” (Sl 22,7). Aparentemente, aos olhos de deus ele é, também, um maldito (Sl 22,2). Mas esse deus é o deus oficial da teologia da retribuição, que amaldiçoa o pobre e só está interessado nas ofertas que os ricos fazem no templo. Esse deus não ouve o clamor dos pobres (Jó 24,12).

Mas o pobre teima em clamar ao Deus libertador: “Tu, porém, Iahweh, não fiques longe! Força minha, vem socorrer-me depressa!” (Sl 22,20). É a fé no Deus dos pobres que escuta e exalta os humilhados. Ele se encarna no sofrimento, na dor e na morte dos pobres: “Eu sei que meu Defensor está vivo e que no fim se levantará sobre o pó; quando tiverem arrancado esta minha pele, fora de minha carne verei a Deus” (Jó 19,25: cf. Jó 42,5; Is 41,8-20).

b) Justo pobre

Oprimamos o justo pobre, não poupemos a viúva nem respeitemos as velhas cãs do ancião. Que nossa força seja a lei da justiça, pois o fraco, com certeza, é inútil. Cerquemos o justo, porque nos incomoda e se opõe às nossas ações, nos censura as faltas contra a Lei, nos acusa de faltas contra a nossa educação (Sb 2,10-12).

Ao ler o livro da Sabedoria, surpreende-nos a convicção que o autor manifesta a respeito da presença absoluta e eterna de Deus na vida dos justos sofredores: “A justiça é imortal” (Sb 1,15). Fazendo uma longa meditação sobre o êxodo (Sb 10,1-19,21), o autor revive a tradição judaica do Deus dos oprimidos, para fortalecer a fé dos justos desprezados, hostilizados e perseguidos em Alexandria, cidade importante do Egito e a segunda mais importante depois de Roma.

Alguns filósofos gregos afirmavam que o acúmulo de riqueza é a ordem do dia para viver no prazer. Porém, a busca desenfreada de riquezas e poderes provoca o aumento da desigualdade, da exploração, da pobreza, da violência e da morte. Para viver no ócio e na abundância, é preciso explorar os justos pobres, como descritos em Sb 2,10-12.

Mas os justos sofredores, que experimentam os sinais de morte no dia a dia, exprimem a fé no Deus da vida. A fé que não teme sequer a própria morte: “A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos pareceram mortos; sua partida foi tida como uma desgraça, sua viagem para longe de nós como um aniquilamento, mas eles estão em paz. Aos olhos humanos pareciam cumprir uma pena, mas sua esperança estava cheia de imortalidade” (Sb 3,1-4).

c) Jesus de Nazaré

Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios (Mc 1,32-34).

No tempo de Jesus, o povo acreditava que os espíritos eram responsáveis por males como doenças, pobreza, desastre natural e até pelo pecado. A riqueza era compreendida como bênção de Deus, e a pobreza, como maldição. Os pobres e os doentes eram considerados impuros, malditos e “endemoninhados”. Por isso, estão impedidos de participar do convívio dos “puros”. Contudo, esses endemoninhados convivem com Jesus de Nazaré. Ele se encarna no meio dos impuros: toca a doente (Mc 1,31); estende a mão ao leproso (Mc 1,41); come com as pessoas consideradas pecadoras (Mc 2,15); aceita o toque da mulher que sofre de hemorragia (Mc 5,25-34); pega a mão da menina morta (Mc 5,41); encontra e dialoga com a mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30); põe os dedos no ouvido de um surdo, cospe e toca sua língua (Mc 7,33).

Jesus anuncia e acredita no reino de Deus no qual todas e todos são filhas e filhos do mesmo Pai. E proclama: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21). Só os pobres humilhados conseguem penetrar no mistério da construção do reino de Deus.

Neste sentido, Jesus é um subversivo na medida em que prega e pratica um relacionamento social e religioso baseado no amor, na compaixão e na justiça. Isto o levou a um confronto com as autoridades e, conseqüentemente, à cruz. Mas ele é fiel ao projeto de vida que é capaz de ir até a morte, porque acredita no Deus encarnado nos pobres explorados, desfigurados e impuros. Jesus, criado em Nazaré da Galileia, é um judeu fiel à tradição do justo sofredor.

d) Paulo

Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa e fatigamo-nos trabalhando com as próprias mãos. Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como lixo do mundo, a escória do universo (1 Cor 4,11-13).

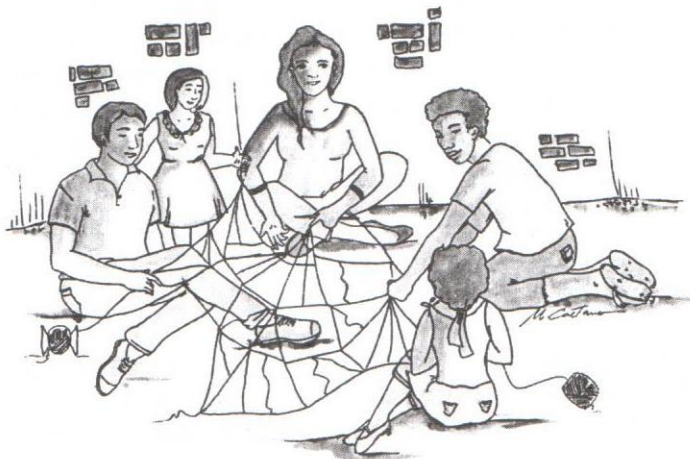
Essa é a palavra de Paulo para as cristãs e os cristãos que se sentem com “poder” e “sabedoria” na comunidade de Corinto (cf. 1 Cor 1,26; 2,10). Palavra de um homem que se faz um com o “lixo” do mundo e experimenta a presença do sagrado no cotidiano de sua vida.

Ao chegar a Corinto, Paulo faz a opção de ganhar o seu próprio sustento trabalhando como fabricante de tendas. Com essa experiência ele mergulha no mundo do trabalho e aí se encontra com pequenos comerciantes, artesãos/os, escravas/os e, sobretudo, com os carregadores dos portos. São esses escravizados que carregam as mercadorias e empurram os navios por uma distância de mais ou menos seis quilômetros entre os dois portos.

Colocando-se ao lado dos crucificados, Paulo aprende, aprofunda e anuncia Cristo crucificado: o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1 Cor 1,25). Na cruz, Deus inverte a lógica do mundo do império, baseada no poder, e propõe a do amor gratuito e solidário. Esse Deus está atento aos olhares e clamores de todas as pessoas oprimidas e se coloca ao lado delas.

Sabemos da presença maciça de pessoas que são crucificadas, cotidianamente, por esse modelo social que privilegia uns poucos e exclui bilhões. Conhecemos as crucificadas e os crucificados de hoje. Então, cabe uma pergunta: Quanto nos empenhamos para construir uma sociedade que seja mais igualitária e justa?

QUARTO ENCONTRO



TEMA: A solidariedade sustenta o cotidiano da missão.

PERSONAGENS: Paulo, Timóteo, Epafrodito, comunidade cristã de Filipos.

TEXTO: Fl 2,19-30.

PALAVRAS-CHAVE: alegria, causa da justiça, irmão, colaborador, risco, vida.

PERSPECTIVA: A vida em comunidade ajuda a superar os desafios da missão.

“Ele serviu comigo à causa do evangelho” (2,22).

ATENÇÃO: Ao preparar o encontro, o grupo ou a comunidade, conforme sua realidade e sua criatividade, pode mudar os cantos, as perguntas e a forma de celebrar a vida.

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, velas, flores, cruz e o painel confeccionado no primeiro encontro (se possível).
- Um globo terrestre e um mapa do Brasil. Se for difícil conseguir esse material, propomos escrever, em forma de faixas, o nome das regiões do Brasil – Sul, Sudeste, Nordeste, Norte e Centro-Oeste – e colar numa cartolina a figura do globo terrestre.
- Providenciar seis velas.

2. Acolhida

Dirigente: Como é bom estarmos aqui. Acolhemos cada participante com carinho e alegria. Sabemos que, quando duas ou mais pessoas estão reunidas em nome do Senhor, ele se faz presente. Nesta certeza, iniciemos nosso encontro, cantando:

Eis-me aqui, Senhor! Eis-me aqui, Senhor! Pra fazer tua vontade pra viver no teu amor. Pra fazer tua vontade pra viver no teu amor: eis-me aqui, Senhor!

- Ele pôs em minha boca uma canção, me ungiu como profeta e trovador da história e da vida do meu povo. E por isso respondi: aqui estou!

Dirigente: Hoje vamos refletir sobre a solidariedade e o cotidiano da missão. A ilustração do nosso livro tem algo a nos dizer sobre isso? Vamos partilhar em pequenos grupos. Em seguida, cada grupo expressa, em uma palavra, o que conversou. Também podemos aproveitar o momento para partilhar alguma

experiência a partir do gesto concreto proposto no encontro passado.

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Um membro da comunidade estava em um momento difícil de sua vida e se desentendeu com uma pessoa de sua equipe de pastoral. Sem avisar ninguém, afastou-se dos trabalhos. Após algum tempo, a coordenadora decidiu visitá-lo. Era uma noite fria. A coordenadora encontrou-o sozinho, sentado diante de um fogo brilhante. Já imaginando o motivo da visita, o homem cumprimentou-a e convidou-a a sentar, esperando que ela tocasse no assunto. Ela sentou-se e ficou alguns momentos em silêncio, observando o fogo. Após alguns minutos, a coordenadora examinou as brasas, cuidadosamente apanhou uma delas e deixou-a de lado. Então voltou a sentar-se e permaneceu silenciosa e tranquila.

Leitora ou leitor 2: O homem prestava atenção a tudo, quieto e intrigado. Depois de um tempo, a brasa solitária diminuiu, houve um brilho momentâneo e seu fogo se apagou. Logo o carvão estava frio e morto. Nenhuma palavra tinha sido dita desde o cumprimento inicial. Antes de se preparar para sair, a coordenadora recolheu o carvão frio e colocou-o de volta, junto aos demais carvões incandescentes. Quando a coordenadora foi se despedir, o homem lhe disse: - Obrigado, tanto por sua visita como por sua pregação. Esta semana voltarei ao convívio da comunidade.

Dirigente: Vamos conversar sobre a história que acabamos de ouvir. O que ela tem a nos dizer?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 3 : Viajar torna-se cada vez mais fácil. Os diferentes meios de transporte facilitam o deslocamento. No tempo das primeiras comunidades cristãs não era assim. As evangelizadoras e os evangelizadores passavam por muitas dificuldades: variação no clima; estradas precárias; dificuldade de hospedagem; perigo de ataques de animais e assaltos... Só havia um jeito para diminuir os danos: a cooperação e a solidariedade.

Paulo viajou muito, experimentou diferentes perigos e aprendeu a importância da ajuda mútua, do companheirismo e da solidariedade na missão. Essa experiência foi compartilhada com suas comunidades. Frequentemente ele as visitava, mandava cartas e enviava colaboradoras/es para apoiá-las, animá-las e ajudá-las em seus problemas. Da mesma forma, Paulo recebia apoio das comunidades.

5. Leitura do texto

Dirigente: Vamos ouvir o que Deus tem a nos dizer a respeito da relação de Paulo com a comunidade de Filipos.

Leitora ou leitor 4: Fl 2,19-30.

Dirigente: *Para conversar*

- a) O que sentimos ou pensamos em relação a Paulo e a comunidade de Filipos após ouvirmos a leitura?
- b) Que atitudes e sentimentos Paulo demonstra em relação a Timóteo e Epafrodito, seus colaboradores?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Naufrágios, tempestades, animais ferozes, doenças, perseguições, violência, descrédito, ciúmes, inveja... esse é o cotidiano da missão. Paulo sofreu tudo isso e, a partir de sua experiência, ficou com uma certeza: a solidariedade e o trabalho em equipe nas viagens missionárias e na vida comunitária não podem faltar. Sem isso, o projeto de expansão da boa nova e o testemunho comunitário ficam comprometidos.

Ainda hoje os perigos e os desafios que encontramos em nosso trabalho pastoral são muitos: violência, solidão, desesperança, fofocas, incompreensões, competição, falta de recursos e de apoio...

- a) Onde encontramos forças para superar os desafios que o nosso trabalho pastoral apresenta?
- b) Qual é o papel da comunidade diante dos problemas e desafios da missão?

7. Celebrando a vida

(O grupo em círculo, no meio o globo ou o mapa do Brasil ou as faixas com os nomes das regiões do país.)

Dirigente: Diante de nós temos as regiões que compõem nosso país. De norte a sul, de leste a oeste, existem pessoas comprometidas com a boa nova. Nesta celebração unimo-nos a todas elas. Vamos ficar um momento em silêncio e pedir forças para elas e para nós.

Após alguns momentos de silêncio, a/o dirigente fala o nome de uma região e acende a primeira vela. Convida, então, a

comunidade a rezar um Pai-nosso pelos agentes de pastoral da região e pelas demais pessoas comprometidas com a defesa da justiça. Caso alguém do grupo conheça pessoas desse local ou os problemas existentes ali, pode se manifestar. A última vela será acesa pelas comunidades presentes no mundo.

Dirigente: Senhor, que nos chamais a seguir-vos como discípulas e discípulos, vivificai nossa generosidade. Respondemos com amor ao vosso chamado. Dá-nos fortaleza para superar as dificuldades que encontramos no cotidiano da missão e para que não desfaleçamos frente às dificuldades e perigos. Amém.

Dirigente: Cantemos a Maria, mãe da igreja:

***Maria, mãe dos caminhantes, ensina-nos a caminhar.
Nós somos todos viandantes, mas é difícil sempre andar.***

- 1 – Fizeste longa caminhada para servir a Isabel, sabendo-te de Deus morada, após teu “sim” a Gabriel.*
- 2 – Depois de dura caminhada para a cidade de Belém, não encontraste lá pousada, mandaram-te passar além.*
- 3 – Humilde foi a caminhada, em companhia de Jesus, quando pregava, sem parada, levando a todos sua luz.*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para próxima reunião, ler o texto de Fl 3,1b-11. Quem puder leia as orientações em preparação ao quinto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a uma vizinha ou outra pessoa conhecida.

- Lembrar de trazer a Bíblia.
- A comunidade ou família que vai acolher o grupo no próximo encontro fica responsável por preparar o cartaz com o tema.

9. Gesto concreto

Solidarizar-se, por meio de um gesto concreto, com alguma comunidade ou pastoral que esteja necessitando de algum tipo de apoio. O grupo pode também se dividir e durante a semana se solidarizar com uma região do país ou com as paróquias de sua cidade, rezando por esse local.

10. Bênção final

Dirigente: Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

Todas/os: Amém.

Orientações para o quarto encontro

Situando o texto: O Cotidiano da missão

Paulo é um viajante por excelência. É assim que ele aparece nas cartas que escreveu e no livro dos Atos. Será que ao pensar no apóstolo como um evangelizador itinerante nos damos conta do que significava viajar naquele tempo? Na Carta aos Coríntios Paulo diz: “Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar” (2Cor 11,26). Na parábola do bom samaritano também encontramos uma situação de violência e perigo (Lc 10,29-37).

Conhecer mais detalhadamente as condições de viagem no período do Segundo Testamento é possível graças aos muitos documentos da época. Eles nos informam, primeiramente, que as condições climáticas eram um fator de risco para a/o viajante. No inverno, por exemplo, as viagens eram praticamente impossíveis. Quase ninguém viajava nesse período.

No entanto, não era o clima que oferecia o risco maior, mas os assaltos. A pobreza levava muita gente à marginalidade, e a violência aumentava. Os ladrões eram ameaça constante, especialmente para quem viajava pelas estradas do interior. Era fácil supor que os viajantes carregavam consigo alguma quantia de dinheiro para os gastos pessoais. Imaginemos a preocupação e a tensão das/os viajantes. Quando possível, a opção era viajar em grupos e se proteger levando algum objeto que pudesse ser instrumento de defesa, como um bastão. Mesmo assim, era preciso ter cuidado. Um grupo de pessoas carregando bastões facilmente podia ser confundido com malfeitores ao chegarem a pequenas cidades ou lugarejos. Na maioria das vezes, os moradores soltavam seus cães ferozes contra o grupo, porque era comum bandos de saqueadores invadirem as moradias. Outra estratégia dos bandoleiros era chegar a uma casa e, sabendo que não corria risco, simplesmente derrubar a porta principal, imobilizar os moradores com suas armas e saqueá-los. Por isso, qualquer forasteiro era suspeito.

A hospedagem para as/os viajantes também oferecia problema. Na Ásia Menor, por exemplo, região onde Paulo trabalhou, havia hospedarias a cada 35 quilômetros, distância que se percorria com um dia de caminhada. Entre as hospedarias dificilmente havia lugares para descanso ou pernoite. Viajantes que ficavam doentes ou haviam sofrido violência humana ou animal tinham que caminhar muito, ou ser carregado até a próxima hospedaria. Quantos morriam no caminho. Contudo,

mesmo nas hospedarias, a segurança não era total, principalmente se instaladas em locais isolados. Os assaltantes não hesitavam em atacá-las. As hospedarias da época eram prédios de dois pavimentos. No andar térreo, ficavam as dependências comuns e, no andar superior, os quartos. Uma construção simples, fácil de ser atacada. Além do mais, a privacidade era um luxo. As pessoas que tinham melhores condições financeiras pagavam por ela. As demais, dormiam em quartos muitas vezes lotados, dependendo do número de camas que o proprietário colocava em cada quarto, ou da disposição dos hóspedes em dormir no chão. De qualquer forma, ninguém sabia quem estava dormindo a seu lado.

Os pertences também não estavam seguros. Nos quartos lotados, qualquer um estendia a mão e se apropriava dos bens alheios. Ir aos locais de banho ou refeitórios era outro problema: ou as/os viajantes deixavam seus pertences em algum lugar da hospedaria, sem qualquer segurança, ou os levavam consigo, não importando o peso que tivessem. As pessoas mais ricas levavam escravos ou escravos para esse serviço.

Animais também ofereciam perigo aos viajantes, uma vez que as estradas eram escuras e repletas de vegetação. Ursos, javalis e principalmente lobos atacavam não só quem viajava, mas também casas, fazendas e rebanhos. A recomendação era viajar no meio do dia, quando o sol estava a pino, e os animais se escondiam do calor. E o grupo devia estar sempre junto. Assim era mais fácil se defender de ataques. Ninguém devia ficar para trás.

Depois de anos realizando viagens missionárias Paulo e suas/seus colaboradoras/es tinham uma certeza: não era possível viajar sem espírito de cooperação. O individualismo era sinônimo de perigo, e até de morte. Por isso, cada pessoa devia

cuidar da segurança das demais, seja ao caminhar pelas estradas, seja na hora do descanso na hospedaria.

Nesse modelo de sociedade, a violência e a insegurança são minimizadas ou superadas somente com solidariedade e vivência comunitária. Paulo e alguns de seus colaboradores superaram as dificuldades da prisão devido à colaboração de muitas pessoas (1Ts 2,2). Por isso, Paulo procurou criar, nas comunidades que ajudou a organizar e animar, o espírito de cooperação e cuidado com o bem da outra, do outro. Vejamos de que forma isso aparece na comunidade de Filipos.

Comentando o texto: Fl 2,19-30

A relação de Paulo com a comunidade cristã de Filipos é muito próxima e afetuosa. Depois de ter dado notícias de si (1,12-17) e de fazer recomendações à comunidade (1,18-2,17), Paulo fala de seus planos para o futuro. Inicia mencionando seu desejo de enviar Timóteo a Filipos o mais rapidamente possível, para ter a alegria de receber notícias daquela comunidade (2,19). Nesse texto, a palavra grega para alegria é *eupsychein*, termo utilizado para encorajar as pessoas que partem e as que sofrem; provavelmente a comunidade passa por algum tipo de problema, e Paulo quer ajudar a resolvê-lo. Assim, ele se sentirá encorajado, porque sabe que a comunidade caminha firme na sua adesão à boa nova.

Timóteo é o escolhido para essa missão, e sua ida é preparada com uma série de elogios a ele. Provavelmente, o discípulo não gozava da mesma autoridade de Paulo na igreja filipense. Paulo, então, exagera no elogio. Diz que seu enviado é único. Ninguém faria melhor esse trabalho, pois apenas Timóteo demonstra preocupação pela comunidade cristã de Filipos (2,20). Além disso, é alguém que não busca os próprios interesses, mas

os de Jesus Cristo (2,21). Notemos que Timóteo age do modo que Paulo recomendou a comunidade agir (2,22). O sentimento de Timóteo é bem parecido com o de Paulo pelas igrejas (2Cor 11,28). Timóteo e Paulo são exemplos de vida para as comunidades.

Paulo não para aí. Mesmo sabendo que a comunidade de Filipos conhece a dedicação de Timóteo à causa do evangelho, faz questão de afirmar que Timóteo agiu como um filho ao lado do pai (2,22). Provavelmente, não se trata somente da atuação de Timóteo em Filipos, mas de toda a sua dedicação como missionário. Mas Timóteo não partirá imediatamente. Paulo o quer a seu lado no momento do julgamento. O futuro de Paulo está incerto e ele precisa de gente de confiança a seu lado.

Após essas informações, Paulo fala de Epafrodito. Este membro da comunidade filipense foi enviado com a missão de entregar uma ajuda financeira da comunidade a Paulo (4,18) e para atender, pessoalmente, o apóstolo em suas necessidades (2,25). Sabemos que Paulo está preso e que o sistema carcerário daquela época permitia, na maioria das vezes, a comunicação do prisioneiro com o exterior. Contudo, as condições prisionais podiam ser muito duras. A alimentação era escassa ou podia faltar. A assistência de Epafrodito foi essencial. Mas ele ficou doente, às portas da morte, e agora se recuperava. Paulo vê nisso a “mão” da providência divina que quis poupá-lo de mais uma tristeza. A prisão é suficiente (2,27).

Doente seriamente, Epafrodito ficou fragilizado, com saudades de casa e quer voltar. Além disso, parentes e amigas(os) souberam de sua doença e estão preocupadas(os) (2,26). Isso pode tê-lo abalado ainda mais. Paulo deve ter ficado num impasse. Precisava da presença de Epafrodito, mas não queria forçá-lo; então, ele se apressa em enviá-lo. Sabe que a

comunidade ficará feliz, e ele também, com a recuperação de seu colaborador.

Além disso, como Epafrodito seria recebido pela comunidade? Afinal, ele foi mandado para cuidar de Paulo na prisão e está voltando antes da hora. Procurando evitar qualquer tipo de constrangimento, Paulo defende Epafrodito chamando-o de irmão, colaborador, companheiro de lutas e mensageiro da comunidade de Filipos para atender às suas necessidades (2,25). Nessas palavras, podemos constatar a sensibilidade de Paulo e o forte laço que une Paulo, Epafrodito e a comunidade de Filipos.

Depois de tanto sofrimento, Epafrodito merece uma acolhida calorosa e alegre. Afinal, cumpriu a missão com sacrifício pessoal: “pela obra de Cristo ele quase morreu, arriscando a vida para atender por vós às minhas necessidades” (2,30).

Esses versículos nos colocam em contato com pessoas reais, de carne e osso. O compromisso com a evangelização não as tornou pessoas frias e insensíveis. Pelo contrário, a adesão à boa nova fez desabrochar o que de melhor existia em cada uma delas.

Aprofundando: A estratégia missionária de Paulo

Paulo possui uma estratégia missionária. Logo, para ele, a evangelização não é uma atividade espontânea, e sim fruto de escolhas pensadas e refletidas. Vejamos como Paulo conduziu sua ação evangelizadora:

- a) Paulo é uma pessoa de seu tempo. Por isso, utiliza os recursos existentes para facilitar seu trabalho e ajudá-lo a atingir sua meta: escreve cartas - havia entreposto dos correios a cada 30 quilômetros; utiliza as boas estradas

construídas pelo Império Romano e suas hospedarias; faz muitas viagens marítimas utilizando as rotas do império, uma vez que oferecem mais segurança (1Cor 16,5).

- b) As viagens são uma estratégia de expansão da boa nova. Nos lugares aonde chega, inicia um núcleo comunitário, que depois conta com o apoio dele mesmo ou de colaboradoras/es para sua consolidação (At 16 – 28).
- c) Pelos grandes centros urbanos, especialmente os portuários, passavam muitas pessoas. Paulo escolhe cidades importantes e de localização estratégica, como Tessalônica, Éfeso, Corinto e Filipos para serem núcleos de expansão do evangelho.
- d) Escolhe como base de trabalho uma cidade central. Éfeso, por exemplo, era central para sua comunicação com as comunidades da Galácia e Tessalônica, Corinto e Filipos. Além disso, chegar e sair de Éfeso era fácil. As rotas marítimas eram excelentes (At 19,1ss).
- e) Chegando a uma nova cidade, Paulo se dirige a lugares onde sabe que encontrará pessoas com as quais tem algum tipo de vínculo. De um modo geral, ele procura as sinagogas (At 13,5.14;14,1; 17,1; 18,4; 19,8). Não havendo sinagogas, ele vai a lugares de oração (At 16,13);
- f) A base do trabalho evangelizador de Paulo costuma ser uma “casa”. A casa, na cultura greco-romana, não era a residência particular de hoje, mas, com toda a probabilidade, era uma construção com uma loja na frente

e acomodação de moradia nos fundos. Havia espaço, inclusive, para oficinas e alojamentos para dependentes e visitantes. As oficinas eram lugares privilegiados, pois, na convivência diária de trabalho, Paulo podia anunciar a boa nova (At 16,15; 17,7; 18,1-3.7-8).

- g) Paulo procura pessoas que tenham a mesma profissão e, com elas, estabelece relação de trabalho e convivência ((At 18,1-3). O trabalho manual o aproxima do grande número de trabalhadoras/es existentes nas cidades do mundo greco-romano, mergulhando-o no mundo das pessoas empobrecidas e escravizadas (At 18,3; 20,34-35; 1Ts 2,9).
- h) Forma lideranças e respeita a autonomia de quem conhece a própria realidade. Epafras, por exemplo, foi delegado por Paulo para fundar uma comunidade cristã em sua cidade, Colossas. Essas pessoas eram conhecidas e dignas de confiança e elas próprias ou seus familiares tinham uma rede de contatos sociais e comerciais (Cl 4,12-13).
- i) Não trabalha sozinho – escolhe e se une a colaboradoras/es, como Epafras, Lídia, Priscila, Áquila, Febe... Com essas pessoas inicia, anima e sustenta as comunidades cristãs (2,25; cf. Rm 16,1-16; 1Cor 1,1; 2Cor 1,1; 1Ts 3,2);
- j) Reconhece e respeita o papel de outras lideranças, mesmo não concordando com sua prática evangelizadora. Foi o que fez com Tiago, Cefas e João: “Estenderam-nos as mãos, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão: nós

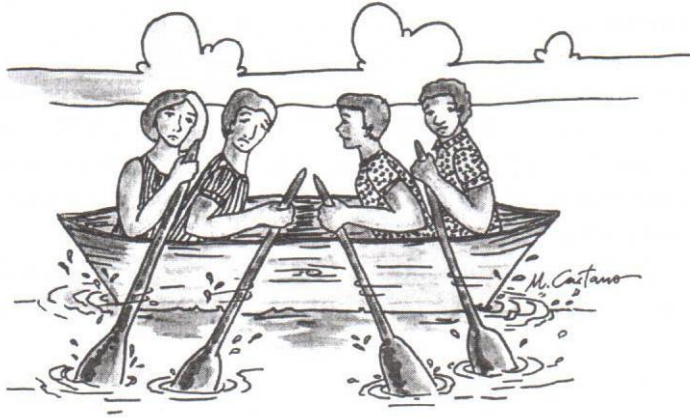
pregaríamos aos gentios e eles aos da circuncisão” (Gl 2,9) .

Paulo tinha uma única meta de vida: evangelizar. Na Carta aos Filipenses, são inúmeras as vezes que ele deixa isso claro: “em todas as minhas súplicas oro por todos vós com alegria, pela vossa participação no evangelho” (1,4-5); “Quero que saibais, irmãos, que o que me aconteceu redundou em progresso do evangelho” (1,12); “Estes por amor proclamam a Cristo, sabendo que fui posto para defesa do evangelho” (1,16); “Como filho ao lado do pai, ele serviu comigo à causa do evangelho” (2,22).

A paixão pelo anúncio da boa nova levou-o a buscar estratégias que facilitassem a conquista do maior número de pessoas para participar de um novo modelo de vida. Ele nos faz repensar nossa vida comunitária e nossa prática pastoral: as liturgias; a catequese; a teologia; as ações sociais....

Paulo continua sendo uma figura que questiona todas as pessoas comprometidas com o anúncio da boa nova.

QUINTO ENCONTRO



TEMA: Em Cristo Jesus, a grande lei é o amor.

PERSONAGENS: Maus operários, falsos circuncidados, Espírito de Deus, Cristo Jesus, Paulo, Deus.

TEXTO: Fl 3,1b-11.

PALAVRAS-CHAVE: Lei, lucro, perda, Cristo Jesus, alvo, rumo, Espírito de Deus, fariseu, amor.

PERSPECTIVA: O amor solidário supera a prática religiosa ritualista e legalista.

“não tendo como minha justiça aquela que vem da Lei, mas aquela pela fé em Cristo, aquela que vem de Deus” (3,9).

ATENÇÃO: O grupo ou a comunidade, conforme sua realidade e sua criatividade, pode mudar os cantos, as perguntas e a forma de celebrar a vida.

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, flores, velas, cruz e o painel construído no primeiro encontro

2. Acolhida

Dirigente: Boas-vindas a todas e a todos. Com alegria, louvemos a Trindade Santa, cantando:

Em nome do Pai, em nome do Filho, em nome do Espírito Santo, estamos aqui. (bis)

Dirigente: Vamos repetir, três vezes, o tema do encontro de hoje. Em seguida, observar a ilustração e partilhar o que pensamos. Podemos partilhar também alguma experiência que fizemos a partir do gesto concreto proposto no encontro anterior.

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Uma pessoa muito religiosa, que costumava rezar na igreja todos os dias, ia tão preocupada em não se atrasar para suas devoções que não enxergava ninguém no caminho, nem mesmo aquelas que precisavam de sua ajuda. Um dia, depois de percorrer o caminho de sempre, sem prestar atenção em ninguém, chegou à igreja no preciso momento em que começava a oração.

Leitora ou leitor 2: Ela empurrou a porta, mas esta não abriu. Voltou a empurrar com mais força, e verificou que a porta estava trancada. Aflita por não poder participar das orações pela primeira vez em muitos anos, e não sabendo o que fazer, olhou

para cima... Justamente aí, em frente aos seus olhos, viu uma anotação cravada na porta: “Eu estou aí fora”.

Dirigente: A história que acabamos de ouvir poderia ter como título o tema do nosso encontro de hoje? Vamos conversar sobre isso.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 3: A boa nova de Jesus foi anunciada, inicialmente, ao povo judeu. A tradição religiosa desse povo exigia o cumprimento da lei de Moisés, que incluía, entre outras práticas, a observância do sábado, a circuncisão e os ritos de purificação. Os judeus que aderiram ao projeto de Jesus continuavam cumprindo essas obrigações religiosas. Com o passar do tempo, pessoas de cultura greco-romana também aderiram ao projeto de Jesus, formando-se, assim, comunidades cristãs com pessoas de origem judaica e com pessoas de origem gentia. Aí conviviam juntos à mesa, cada grupo procurando respeitar os costumes religiosos do outro, de forma que a convivência e a prática do amor fraterno não ficassem prejudicadas. Foi esse modelo de vida cristã que Paulo experimentou após sua adesão a Jesus. Ele, que, no passado, pertencia ao grupo dos judeus fariseus e seguia rigorosamente a Lei do seu povo, estava convicto de que seguir Jesus era viver a grande lei do amor solidário.

Leitora ou leitor 4: No entanto, judeus cristãos, muitos de origem farisaica, insistiam em continuar com suas tradições religiosas. Além disso, queriam obrigar os cristãos gentios a fazerem o mesmo. Isso começou a ser um problema nas comunidades, especialmente em relação à circuncisão. No

mundo greco-romano, essa prática era vista como uma humilhação para os homens. Paulo era contra a imposição dessas práticas a cristãos gentios. Por essa razão, as comunidades animadas por ele sofreram pressão dos judeus cristãos apegados à Lei – os judaizantes. Para os judaizantes, o anúncio evangélico que Paulo fazia, centrado na cruz de Cristo e na liberdade diante da lei, era uma traição à origem judaica. Paulo se depara com esse grupo nas comunidades de Corinto e da Galácia. O próximo alvo parece ser a comunidade de Filipos. Paulo vai defender sua comunidade com muita energia.

5. Leitura do texto

Dirigente: Conscientes da importância que a Palavra de Deus tem para a vida e missão de nossas comunidades, vamos acolhê-la, cantando:

A Bíblia é a Palavra de Deus semeada no meio do povo, que cresceu, cresceu e se transformou, ensinando-nos viver um mundo novo.

Leitora ou leitor 5: Fl 3,1b-11

Dirigente: *Para conversar*

- a) Por que Paulo está criticando seus adversários?
- b) O que o encontro com Cristo produziu na vida de Paulo?
- c) O que ele pensa de sua vida antes de encontrar Cristo?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 6: Ao abraçar a boa nova, Paulo não se vangloria mais por cumprir os rituais e as normas da lei. Ele entende o que significa o verdadeiro culto a Deus. Por isso, o que ele considerava lucro passou a considerar perda, após o encontro com Cristo crucificado-ressuscitado. As leis referentes a rituais não têm mais a palavra final. O que vale, agora, é a nova lei do amor.

Leitora ou leitor 7: Ainda hoje, há muitas pessoas apegadas a práticas religiosas de maneira legalista. Pensam que a vida cristã se resume a seguir regras e normas, e se esquecem do essencial: o amor, o respeito, o perdão, a solidariedade, a justiça... Para essas pessoas, cumprir os rituais religiosos vale mais do que se comprometer com os valores que geram vida.

- a) Qual a relação que existe entre o capítulo de Filipenses que estamos refletindo hoje e esse texto do profeta Isaías, citado por Marcos: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me prestam culto; as doutrinas que ensinam são apenas mandamentos humanos” (Mc 7,6-7; cf. Is 29,13)?
- b) Na sua comunidade, que leis e práticas religiosas são motivos de discussão? Dê exemplos e converse sobre elas: Você concorda ou discorda dessas leis e práticas? Por quê?

7. Celebrando a vida

Dirigente: No evangelho de João, Jesus afirma que as pessoas que o seguem serão reconhecidas pelo amor mútuo que demonstrarem (Jo 15,1-17; 1Jo 4,7-21). Nem sempre essa é a marca de nossas comunidades. Quantas vezes damos mais valor

às normas e regras religiosas do que à prática da justiça, da solidariedade, da misericórdia, da generosidade... Por isso, queremos pedir perdão. Vamos ficar um momento em silêncio. Em seguida, podemos fazer nossos pedidos de perdão espontaneamente. Após cada pedido, dizemos:

Todas/os: Dá-nos um coração grande para amar e forte para lutar.

Dirigente: (após o momento penitencial) Rezemos a oração do Pai-nosso e vamos nos dar o abraço da paz, renovando nosso compromisso com a vida em comunidade.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler o texto de Fl 4,2-9. Quem puder leia as orientações em preparação ao sexto encontro. Caso alguém tenha dificuldade em entender, procure uma amiga ou um amigo para ajudar.

Dirigente: Distribuir as tarefas, combinar a data e o local da próxima reunião.

- A família ou comunidade que vai acolher o grupo no próximo encontro fica responsável por escrever o tema em um cartaz.
- Lembrar de trazer a Bíblia.
- Decidir se haverá, no último encontro, lanche comunitário após a celebração de encerramento.

9. Gesto concreto

Nos relacionamentos cotidianos que estabelecemos na família, na comunidade, no trabalho, na vizinhança priorizar os gestos gratuitos, o sentimento de misericórdia e de compreensão, o afeto, o perdão...

10. Benção final

Dirigente: Vamos em paz e que o Deus de amor e misericórdia nos acompanhe.

Todas/os: Amém.

Orientações para o quinto encontro

Situando o texto: judeus cristãos e cristãos gentios nas comunidades cristãs

A boa nova de Jesus surge entre o povo judeu. São judeus os que inicialmente aceitam a proposta de Jesus e, ao lado das instituições oficiais do judaísmo, como o Templo e a Sinagoga, formam comunidades que vivem relações de amor e fraternidade. Logo, os judeus seguidores do movimento de Jesus não abandonam as práticas religiosas judaicas.

No entanto, os judeus que viviam no mundo greco-romano, conhecidos como judeus helenistas, aderem à boa nova e, por viverem longe de Israel, imersos em outra cultura, começam a manifestar uma atitude crítica e maior liberdade em relação à Lei, ao Templo e às obrigações religiosas judaicas. Esse grupo entende que a prática do amor constitui o verdadeiro culto a Deus. Por isso, a circuncisão, a ideia da raça eleita e a justificação pela observância da lei, principalmente do puro e do impuro e do sábado, foram relativizadas.

Tal comportamento incomoda as lideranças judaicas, que iniciam um processo de perseguição. Estêvão, um helenista que se tornou seguidor do movimento de Jesus, é morto por apedrejamento (cf. At 7,55-60). Estamos por volta do ano 30 d.C. O grupo dos helenistas começa, então, a ser perseguido. Segundo a narrativa dos Atos dos Apóstolos, o grupo se dispersa por diferentes regiões (cf. At 8,1-7). Alguns deles vão para Antioquia da Síria. Nessa cidade cosmopolita, onde pessoas de diferentes procedências e culturas se encontram, nascem comunidades cristãs mais abertas, que compartilham suas casas e sentam juntos à mesa com gentios. Foi esse modelo de cristianismo, aberto a outras culturas e povos, que acolheu Paulo.

Entretanto, alguns judeus cristãos – os judaizantes - , mais próximos da oficialidade do Templo e do grupo dos fariseus, resiste a esse tipo de experiência. Seus representantes vão até Antioquia questionar a prática das comunidades dali: “Chegaram alguns homens da Judeia e doutrinaram os irmãos de Antioquia, dizendo: ‘Se não forem circuncidados, como ordena a Lei de Moisés, vocês não poderão se salvar’” (At 15,1). Mesmo Pedro, quando foi visitar a comunidade de Antioquia, sentiu-se pressionado pelo grupo dos judeus cristãos e se acovardou diante deles. Paulo nos conta como foi: “Quando Pedro foi a Antioquia, eu o enfrentei em público, porque ele estava claramente errado. De fato, antes de chegarem algumas pessoas da parte de Tiago, ele comia com os gentios; mas, depois de chegarem, Pedro começou a evitar os gentios e já não se misturava com eles pois tinha medo dos circuncidados. Os outros judeus também começaram a fingir com ele, de modo que até Barnabé se deixou levar pela hipocrisia dele” (Gl 2,11-13).

Depois desse incidente, Paulo achou melhor se afastar da igreja de Antioquia e de Barnabé. Tornou-se, então, missionário mais independente em relação à igreja de Jerusalém e orientou

sua evangelização para o mundo greco-romano. Por isso, as comunidades acompanhadas e animadas por Paulo sofreram pressão dos judaizantes. Estes consideravam o anúncio evangélico de Paulo, centrado na cruz de Cristo e na liberdade frente às tradições judaicas, uma deslealdade com seu passado religioso. Paulo teria traído o judaísmo, ensinando a relativizar a Lei, por exemplo, ao desobrigar os pais de circuncidar os filhos.

Os judaizantes, obcecados pelo ritualismo e pelo legalismo, criaram problemas em Antioquia, nas comunidades da Galácia e em Corinto. Agora, eles estão chegando a Filipos. Paulo reage fortemente contra esse grupo, para defender a caminhada da comunidade cristã de Filipos.

Comentando o texto: Fl 3,1b-11

No capítulo três, percebemos que o anúncio da boa nova feito por Paulo e seus colaboradores em Filipos está sendo distorcido. Ele utiliza três expressões para alertar a comunidade: “cuidado com os cães”; “cuidado com os *maus operários*”, “cuidado com os *falsos circuncidados*” (3,2). As três expressões nos dão pistas para identificar a posição de Paulo diante do problema que afeta a comunidade.

Inicialmente, Paulo usa a expressão “cuidado com os cães”. Para entendê-la é importante saber que, na sociedade oriental, o cão era considerado um animal imundo. Para os judeus, os cães eram impuros, pois não escolhiam o que comer. Utilizavam, então, esse termo para os gentios, pois estes não tinham nenhuma restrição quanto à alimentação que ingeriam. Daí considerá-los desprezíveis e sem valor: “Cercam-me cães numerosos, um bando de malfeitores me envolve, como para retalhar minhas mãos e meus pés” (Sl 22,17). Paulo se dirige aos opositores chamando-os de “impuros e desprezíveis”.

Em seguida, a expressão utilizada é “cuidado com os maus operários”. O povo judeu entendia como título de honra a palavra operário. O povo escolhido era operário na obra da salvação. Em conexão com o Primeiro Testamento, o Novo também utiliza o termo “operário” para quem trabalha na evangelização (Mt 9,37-38; Lc 10,2). Paulo desqualifica esse grupo, afirmando que são “maus operários”. Ao invés de trabalhar pela obra de Deus, o grupo trabalha para prejudicá-la.

Por último, Paulo qualifica esse grupo como incircuncisos. A circuncisão era o sinal da aliança de Deus com seu povo. Todo judeu passava por esse rito. Os gregos e os romanos desprezavam e ridicularizavam a circuncisão. Paulo desqualifica o grupo pelo que lhe era mais caro: o sinal da Aliança com Deus. Afirmando que o grupo é incircunciso, Paulo quer dizer que eles são infiéis à Aliança.

O grupo que Paulo vê como adversário em Filipos parece ser de judaizantes, ou seja, judeus cristãos tradicionalistas, que, mesmo tendo aderido à boa nova de Jesus, continuam apegados à tradição religiosa judaica e querem impô-la aos cristãos gentios. Segundo Paulo, esses “maus operários” estão empenhados em neutralizar a maneira como ele entende e anuncia a boa nova: um anúncio centrado na liberdade diante de qualquer ritualismo e legalismo religioso. Parece que o mesmo grupo esteve em Antioquia, em Corinto e nas comunidades da Galácia questionando os ensinamentos de Paulo (cf. 2Cor 11,13; Gl 1,8-10).

Esse grupo opositor “confia na carne”, afirma Paulo (3,3). Nesse contexto, o termo “carne” significa aquilo que é limitado, que é construído ou criado pelo ser humano, por isso, passageiro. Eles confiam na origem étnica e na observância da Lei – com suas práticas de circuncisão e ritos de purificação – como meio de salvação: tudo criação do ser humano. Paulo mostra os limites

dessas “seguranças” a partir de sua própria história. Ele, mais do que qualquer judaizante, poderia confiar “na carne” (3,4), pois era de origem judaica: tinha o sinal da aliança com Deus – era circuncidado; pertencia a uma tribo importante, a de Benjamim, da qual nasceu o primeiro rei de Israel, Saul; era hebreu filho de hebreu, ou seja, conhecia a língua falada por seus antepassados; e pertenceu ao grupo dos fariseus (3,5-6).

No entanto, Paulo considera toda a sua vida “na carne” como perda (3,7-8), e a justiça que pensava poder alcançar praticando a lei, ele a deixou para trás porque entendeu, a partir do seu encontro com o Ressuscitado, que conhecer o Deus de Jesus é se comprometer com a gratuidade, com a solidariedade e com a justiça que brotam do amor (3,9-10). O Deus da vida não pode ser “comprado” por meio da observância rigorosa de ritos ou do cumprimento cego de leis. Expressando sua fé na parusia, Paulo espera, assim, alcançar a ressurreição dentre os mortos (3,11).

Aprofundando: As obras da Lei e o amor por Cristo Jesus

Paulo e os membros das comunidades animadas por ele sofreram pressão de grupos judaizantes. Um desses grupos parece ser formado por judeus cristãos que pertenceram ao grupo dos fariseus, mas abraçaram a boa nova de Jesus. Esse grupo questiona o anúncio evangélico de Paulo, centrado na cruz de Cristo e na liberdade frente às tradições judaicas. Qual o motivo da crítica ao conteúdo da evangelização de Paulo? Por que Paulo fez de Cristo crucificado o centro de sua pregação e se sentiu livre diante da Lei? A tentativa de resposta a essas questões deve ser buscada na tradição religiosa judaica.

Olhando para o passado, encontramos um livro apócrifo chamado *Salmos de Salomão*. Esse escrito, possivelmente do

grupo dos fariseus por volta dos anos 50 a.C., apresenta o messias como rei justo e sem pecado; por isso, não deveria morrer, uma vez que a morte é fruto do pecado. O texto ainda nos diz que o povo governado pelo messias é um povo santo. O capítulo 17 dos *Salmos de Salomão* assim nos fala do rei-messias:

- “O rei reunirá um povo santo e o conduzirá com justiça”;
- “O Rei será justo, instruído por Deus; não existirá injustiça durante seu reinado, porque todos serão santos e seu rei é o ungido do Senhor”;
- “O Rei estará limpo de pecado para governar um grande povo”;
- “Suas palavras são mais purificadas que o ouro; nas assembleias julgará as tribos do povo santificado”. (SlSal 17,26.32.36.43).

O acento sobre a santidade do povo messiânico reflete a visão dos judeus fariseus sobre o fim dos tempos. Também no livro apócrifo de *1 Enoque* 5,8-9 aparece a ideia de vida longa e santidade de todo o povo:

Quando os eleitos tiverem sabedoria, todos eles viverão e não voltarão a pecar, nem por omissão nem por soberba, pois os que têm sabedoria serão humildes. Não serão castigados em todos os dias de sua vida, nem morrerão por castigo ou cólera divina, mas contemplarão o número de dias de sua vida e envelhecerão em paz e seus anos jubilosos serão muitos em alegria e paz eterna durante todos os dias de sua vida.

Segundo esta visão, o povo conduzido pelo messias justo e imortal só poderia ser justo e santo. Par os fariseus, só havia

um caminho para alcançar a santidade e a justiça: a perfeita observância da Lei, que consistia, principalmente, na prática da circuncisão, no cumprimento das leis dietéticas e na observância do sábado.

A preocupação em realizar as obras da lei para alcançar a santidade e a justiça está presente em muitas comunidades cristãs, especialmente naquelas que tem um número maior de membros de origem judaica e que se formaram na Palestina. Para os judeus cristãos com essa mentalidade, os gentios devem observar as “obras da lei”, ou seja, devem circuncidar-se, realizar os ritos de purificação antes das refeições, observar o sábado... a fim de poder participar do povo de Deus.

O próprio Paulo, quando pertencia ao grupo dos fariseus (3,5), tinha essa mentalidade. Contudo, o encontro com a boa nova de Cristo Jesus e a prática evangelizadora no meio dos gentios transformaram sua maneira de enxergar a Lei. Por isso, ele afirma: “Mas o quer para mim lucro tive-o como perda, por amor de Cristo. Mais ainda: tudo considero como esterco, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo como minha justiça aquela que vem da Lei, mas aquela pela fé em Cristo, aquela que vem de Deus e se apoia na fé” (3,7-9).

Paulo entende agora que a plenitude da Lei é o amor, e quem ama presta o verdadeiro culto a Deus. Esse amor foi vivido e alcançado por Cristo crucificado, não porque ele observou a lei, mas porque seu amor levou-o assumir a causa das pessoas excluídas pelo sistema religioso e político da época.

No messias crucificado Deus inverte a lógica da lei. O cumprimento da Lei por si só não é garantia de salvação nem do amor de Deus, mas cumpre a vontade de Deus quem se compromete com toda e qualquer pessoa impura e excluída:

Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para

confundir o que é forte; e o que o mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura possa vangloriar-se diante de Deus. Ora, é por ele que vós sois em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção, a fim de que como diz a Escritura, aquele que se gloria, glorie-se no Senhor (1Cor 1,27-31).

Quantas pessoas ainda pensam que se chega ao Deus de Jesus Cristo pela observância rigorosa das leis religiosas e pela participação “mecânica” nos cultos e celebrações. Na experiência do povo de Israel encontramos muitos alertas contra esse perigo. O grito profético de uma comunidade em torno dos anos 500 a.C., com a qual Jesus de Nazaré e a comunidade de Mateus aprenderam, nos diz:

Por acaso não consiste nisto o jejuem que escolhi: em romper os grilhões da iniquidade, em soltar as ataduras do jugo e pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar todo o jugo?

Não consiste em repartir o teu pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vês nu e em não te esconderes daquele que é a tua carne?

Se fizeres isto, a tua luz romperá como a aurora, a cura das tuas feridas se operará rapidamente, a tua justiça irá à tua frente e a glória de Iahweh irá à tua retaguarda. (Is 58,6-8; cf. Mt 25,31-41).

SEXTO ENCONTRO



TEMA: Alegrai-vos sempre no Senhor!

PERSONAGENS: Paulo, Deus, Cristo Jesus.

TEXTO: Fl 4,2-9.

PALAVRAS-CHAVE: unânimes, luta, evangelho, alegria, paz, Deus, Cristo Jesus.

PERSPECTIVA: Mesmo em meio às preocupações cotidianas, a comunidade deve testemunhar a alegria e a paz que brotam do encontro e prática da boa nova de Jesus.

“A paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus”

ATENÇÃO: O grupo ou a comunidade, conforme sua realidade e sua criatividade, pode mudar os cantos, as perguntas e a forma de celebrar a vida.

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela, flores, uma cruz.
- pedaços de tiras de pano, ou pedaços de fita grossa, ou tiras de papel crepom para cada participante.

2. Acolhida

Dirigente: Alegremo-nos no Senhor. Mais uma vez estamos em comunidade, manifestando nossa comunhão fraterna. Iniciemos nosso sexto encontro, invocando as luzes e a força do Espírito de Deus que a tudo e a todos renova. Vamos cantar.

1- Quando o Espírito de Deus soprou, o mundo inteiro se iluminou. A esperança na terra brotou e um povo novo deu-se as mãos e caminhou.

Lutar e crer, vencer a dor, louvar o criador. Justiça e paz hão de reinar, e viva o amor.

2-Nosso poder está na união, o mundo novo vem de Deus e dos irmãos. Vamos lutando contra a divisão e preparando a festa da libertação.

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Uma assessora bíblica nos conta sua experiência com uma comunidade no Vale do Ribeira, em São Paulo: “Bem cedo, no dia do encontro, as pessoas começaram a chegar. Entre elas, uma senhora com idade avançada, que chamou minha atenção. Aproximei-me e iniciamos uma

conversa. A senhora me contou que havia saído de casa cedinho, caminhou a pé durante um bom tempo para pegar duas conduções até o local do encontro. E que estava muito alegre, porque ia estudar a Palavra de Deus e depois partilhar com sua comunidade o que havia aprendido.

Essa conversa motivou-me, ainda mais, a dar o melhor de mim nesse dia de estudo comunitário da Bíblia”.

Dirigente: De onde brota a nossa alegria no seguimento de Cristo Jesus?

4. Situando o texto

Leitora ou Leitor 2: A palavra *parusia* vem do grego e significa chegada. Essa palavra é usada para preparar a visita de um membro importante do Império.

Contudo, nas primeiras comunidades cristãs o mesmo termo é utilizado para falar da Segunda Vinda do Senhor, o verdadeiro *kyrios*, o Senhor do mundo e não o imperador ou um dos seus representantes.

As comunidades acreditam e desejam entrar no Reino dos Céus junto com o Senhor Cristo Jesus (3,20-21). A preparação para essa vinda deve ser ativa, isto é, a comunidade deve se empenhar na prática da partilha, do amor fraterno, e da busca da justiça. Como Paulo compartilha da esperança da chegada do Senhor para breve, ele incentiva as comunidades de Filipos a superarem disputas, desavenças e discórdias em vista da chegada – *parusia* – do Senhor. Ao mesmo tempo convoca para um alegre testemunho de vida, usando a si mesmo como exemplo.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos as luzes do Espírito de Deus para a leitura que vamos ouvir, cantando:

Escuta Israel Javé teu Deus vai falar (bis)

Fala, Senhor Javé, Israel quer te escutar (bis)

Leitora ou leitor 3: Fl 4,2-9

- a) Qual o problema que a comunidade de Filipos apresenta?
- b) Quais apelos Paulo faz à comunidade?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Paulo convida a comunidade a dar um alegre testemunho de vida, a partir de uma convicção que ele nutre, como muitos do seu tempo, de que Jesus voltará a qualquer momento. No entanto, para Paulo, a espera pelo retorno do Senhor não pode ser passiva. Pelo contrário, a comunidade deve preparar essa vinda enfrentando e resolvendo seus problemas de discórdias, de disputas, de competição. Precisa, ainda, dar testemunho pela coerência no modo de agir e buscar forças na oração. Dessa forma, a comunidade já vive a presença do Senhor porque experimenta a paz, fruto do amor solidário entre irmãs e irmãos.

Vamos conversar em duplas:

- a) Quais os problemas que nossas comunidades enfrentam e precisam ser resolvidos para que ela dê um alegre testemunho no Senhor? (que “nó” precisa ser desatado em nossas comunidades)?

- b) Que sugestões você pensa que Paulo daria para desatar esses “nós”? (Para cada problema, pegar uma fita e dar nela um nó.)

7. Celebrando a vida

Dirigente: É a Palavra de Deus que renova a nossa esperança e nos impulsiona na busca de superar dificuldades e problemas.

Vamos partilhar o que conversamos em forma de celebração. Cada dupla, à medida que fala do problema e da solução encontrada, desata um nó. Após a partilha, os pedaços se unem, para formar um grande círculo.

Dirigente: O Espírito de Deus nos ilumina para encontrarmos, em comunidade, solução para os problemas, sejam eles considerados grandes ou pequenos.

Caminhando juntas e juntos, experimentamos a alegria e a paz, frutos do amor solidário e da certeza de que não estamos sós. Vamos segurar o círculo que formamos com os “nós” e renovar nossas forças, cantando:

Eu quero ver, eu quero ver, acontecer. Um sonho bom, sonhos de muitos, acontecer.

- Sonho que se sonha só, pode ser pura ilusão, sonho que se sonha juntos é sinal de solução. Então vamos sonhar, companheiros, sonhar ligeiro, sonhar mutirão.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler o texto Fl 4,10-20. Quem puder leia as orientações em preparação ao sétimo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, pedir ajuda a outra pessoa.

- Lembrar-se de trazer a Bíblia.
- Decidir se haverá lanche comunitário no último encontro e, em caso positivo, organizá-lo.
- Para a celebração final, cada pessoa trará escrito, em um “tijolinho”, as alegrias que a vida comunitária lhe traz.
- Providenciar, para o próximo encontro, cola, durex ou fita crepe.
- Caso estejam presentes pessoas de diferentes comunidades, cada uma delas fica responsável em trazer uma música para a celebração final.

9. Bênção final

Dirigente: Vamos em paz e que Deus nos acompanhe e nos dê coragem na missão.

Todas/os: Amém.

Orientações para o sexto encontro

Situando o texto: Parusia: a chegada do Senhor

Olhando a história de diferentes povos e culturas, percebemos que o entendimento que as pessoas têm em relação ao fim último de sua existência, depende em grande parte, do contexto no qual vivem. Como exemplo, podemos olhar para as primeiras comunidades cristãs, e aí encontrar o que elas

pensavam sobre a segunda vinda do Senhor. Segundo a crença e esperança dessas comunidades, a parusia seria em breve. Era apenas uma questão de meses. Encontramos os primórdios dessa esperança na tradição judaica do Primeiro Testamento e que se estendeu até o período das primeiras comunidades cristãs. Vamos cavar o solo fértil do Antigo Testamento para descobrir, aí, a raiz dessa tradição.

No ano 333 a.C. o império grego invade Israel. Esse período de dominação grega foi muito duro para os israelitas, sobretudo nos últimos dois séculos antes de Cristo. O rei Antíoco IV Epífanes (175-164 a.C.) impõe uma política repressiva, intensifica o comércio de escravos e aumenta, ainda mais, os impostos. Em 167 a.C. Antíoco apoiado pela aristocracia judaica helenizada declara abolida a religião judaica: proíbe os sacrifícios do Templo, a observância do sábado e a circuncisão. Determina, além disso, que todos os exemplares da Lei sejam destruídos sob pena de morte, rouba e saqueia os lugares sagrados, inclusive o Templo de Jerusalém, onde coloca a estátua de Zeus, ato considerado de máxima ofensa para os judeus(cf. 1Mac 1,41-64; 2Mac 6,1-11) .

Como resposta a essa dominação, focos de resistência surgem no meio do povo. O grupo dos piedosos (1Mac 2,42) , antepassados dos fariseus do tempo de Jesus e de Paulo, foi um dos que, sob a orientação dos Macabeus, luta com contra a perseguição da fé feita por Antíoco. É nesse quadro que é forjada a esperança na vinda do filho de Davi que vai restaurar a grande nação dos judeus. O livro de Daniel, escrito nesse período, busca superar esse momento de luta e dor olhando para a frente e para o alto: “Na visão noturna vi nas nuvens uma figura como “filho do homem” (Dn 7,13). Esse “Filho do homem”, que chegará, vai reinar soberano, pois sua realeza virá diretamente de Deus: “A ele foi outorgado o poder, a honra e o reino, e todos os povos,

nações e línguas o serviram. Seu império é império eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído” (Dn 7,14).

As primeiras comunidades cristãs, que também vivem em um contexto de opressão, foram influenciadas por essa mentalidade. Por isso, esperam a segunda *parusia* do Senhor. Em grego, o termo *parusia* significa “chegada” ou “retorno”. Paulo, por exemplo, alegrava-se com a *parusia* de colaboradores como Acaico, Estéfanos e Fortunato em 1Cor 16,7. Ele próprio falava da sua *parusia* em Fl 1,26; 3,21; 4,5. Em seu contexto antigo, *parusia* significa a chegada, às cidades, de generais conquistadores, oficiais importantes, emissários imperiais e, sobretudo, do imperador. Essas chegadas seriam boas ou ruins dependendo da relação do visitante com as lideranças locais. Para muitas pessoas era um fato inédito, especialmente, se é o imperador que chegará. Logo, é momento de grande expectativa.

No contexto da boa nova, a vida em comunidade antecipa a *parusia* e as realidades do Reino. Por isso experimenta a alegria, fruto desse compromisso. Ao falar da expectativa da chegada do Reino, Paulo estava estimulando a comunidade a se comprometer, ainda mais, com a prática do evangelho, de forma a superar disputas, desavenças e discórdias. Ao mesmo tempo ele convoca os membros da comunidade a darem um alegre testemunho de vida, apresentando a si mesmo como exemplo.

Comentando o texto: Fl 4,2-9

Nem tudo é harmonia na vida da comunidade cristã de Filipos. Da mesma forma que no capítulo 2,2, Paulo convida duas lideranças comunitárias, Evódia e Síntique, a serem unânimes no Senhor (4,2). É importante notar que Paulo exorta a uma reconciliação, mas não manda. Inclusive, ele “roga” a ajuda de uma terceira pessoa, Sízigo, a quem chama “fiel

companheiro”, ou “companheiro de canga”. O nome Sízigo tem esse significado. Paulo faz um trocadilho com o nome desse possível companheiro de missão, para que ele intermedeie a reconciliação dessas duas mulheres “que o ajudaram na luta pelo evangelho” (4,3). Não fica claro o problema que existe entre elas, contudo, trata-se de pessoas importantes na comunidade pela importância dada ao problema.

Em seguida, o tema da alegria, que perpassa a carta, aparece, mais uma vez. A alegria deve permear a vida pessoal e comunitária e ser fonte de testemunho no ambiente em que estão inseridas. Essa alegria é fruto da fé e da certeza da presença do Senhor na caminhada da vida cristã. Por isso a alegria é “no Senhor” (4,4). Também a moderação (4,5), enquanto disposição de ser amável e honesta/o com as demais pessoas, deve permear a vida de cristãs e cristãos.

Provavelmente o ambiente é hostil ao estilo de vida cristã e Paulo exorta a comunidade para que cumpra sua vocação de “salgar e iluminar” qualquer que seja o ambiente à sua volta. Na sociedade greco-romana, pessoas livres e escravas se sentarem juntas, à mesa, como acontecia nas comunidades, era motivo de escândalo. Além disso, a prática da solidariedade, do perdão e do amor fraterno testemunhada pelas comunidades, era incomum nesse modelo cultural. Muitos membros, inclusive, eram perseguidos (1,28). Às vezes, dentro do próprio círculo familiar.

Paulo anima a comunidade que sofre pressões, partilhando uma convicção pessoal: o Senhor voltará em breve (4,5). Ele acreditava, como muitas pessoas na época, que a parusia, o retorno de Jesus, estaria prestes a acontecer. Logo, a comunidade não podia ficar desanimada e nem se acomodar. O retorno do Senhor é incentivo para a mobilização. Como pano de fundo, Paulo tem a experiência da chegada de pessoas importantes a uma cidade greco-romana, e transfere isso para as

comunidades. Nessas ocasiões toda a cidade se mobilizava, contudo, numa perspectiva de ostentação e submissão à autoridade que vinha. As comunidades cristãs, ao contrário, já experimentam a presença do Senhor, mas de um modo novo: pela prática do amor e da justiça.

Cabe à comunidade trabalhar e ter esperança. Todas as necessidades e preocupações devem ser apresentadas a Deus, em forma de oração, súplica e ação de graças (4,6). A ação de graças lembra o tom de alegria presente na carta. Paulo sempre alerta para essa atitude: “em tudo dai graças” (1Ts 5,18). E ele sabe o que recomenda. Mesmo prisioneiro, não deixou de dar graças. A certeza de que servia à causa do evangelho o animava: “Cristo é proclamado, e com isso me regozijo” (1,18)

Agindo assim, a comunidade colherá frutos e experimentará a paz. Aqui, mais uma vez, precisamos retomar o contexto greco-romano. A promessa de paz do Império Romano era conseguida por meio da vitória, ou seja, à custa de muito sofrimento e morte: guerras, submissão de povos, imposição de culto ao imperador, cobrança de altos impostos, escravidão... Assim se experimentava a *Pax Romana*. Bem outra é a “paz de Deus” a que Paulo se refere, é o *shalom* de Israel. É a paz fruto da justiça. Por isso excede toda a compreensão e guardará corações e pensamentos de cristãs e cristãos (4,7). Paulo utiliza “guardará”, em grego *phrouresei*. Esse termo é utilizado em linguagem bélica. Literalmente a palavra, em grego, quer dizer “estabelecer guardas sobre” (2Cor 11,32; Gl 3,23). Ao usar esse termo Paulo aponta para a insegurança na qual vive a comunidade. Mas o próprio Deus guardará sua segurança.

Finalmente, Paulo convida a comunidade a se “ocupar” de tudo o que é verdadeiro, nobre, justo... (4,8). O verbo ocupar aqui tem o sentido de “levar em consideração”, refletir nas qualidades de vida apresentadas por Paulo e permitir que elas

modelem a conduta de cada membro da comunidade. O próprio Paulo é um espelho no qual a comunidade pode se mirar (4,9).

Aprofundando: Alegrai-vos sempre no Senhor

A carta aos filipenses é “costurada” com o fio da alegria. Nela, Paulo “dá graças a Deus”, mostra-se alegre, mesmo em meio às perseguições e incompreensões. Do início ao fim, ele convida a comunidade a cultivar a alegria. Sem dúvida, essa atitude marca o trabalho missionário desenvolvido por Paulo.

Vejam os alguns aspectos desse tema na carta aos filipenses:

- a) No Segundo Testamento, 326 vezes aparecem palavras que indicam alegria e a maioria delas, 131, é encontrada nas cartas atribuídas a Paulo. É significativo notar, ainda, que o termo alegria está relacionado a “*charis*”, que no grego quer dizer graça. *Charis* pode indicar “alegria interior” (*chara*) e “alegrar-ser” (*charein*). As pessoas que experimentam a graça de Deus, como Paulo, encontram o sentido da vida. Paulo, ex-fariseu, experimenta a graça de Deus por viver e pregar o Evangelho de Cristo Jesus: “Por Cristo Jesus, perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo como minha justiça aquela que vem da Lei, mas aquela pela fé em Cristo, aquela que vem de Deus e se apoia na fé” (3,8-9). Por amor de Cristo Jesus, Paulo deixa tudo. O que agora move este apóstolo é a prática do Evangelho: “Quero que saibais, irmãos, que o que me aconteceu redundou em progresso do evangelho” (1,12). O Evangelho é a verdadeira graça de Deus.

- b) O Evangelho que orienta Paulo está na cruz de Cristo Jesus: “Ele se despojou, tomando a condição de escravo... abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz” (2,7-8). Ao pregar e praticar o Evangelho da cruz, os cristãos sofrem a oposição e a perseguição do mundo “senhor-escravo”, assim como leva Paulo à prisão (1,12-17). Mas Paulo proclama: “Cristo será engrandecido no meu corpo, pela vida ou pela morte. Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (1,20-21). Apesar de todo sofrimento, Paulo ainda se alegra no trabalho realizado no Evangelho do Senhor: “o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa. Convencido disso, sei que ficarei e continuarei com todos vós, para proveito vosso e para alegria de vossa fé, a fim de que, por mim – pela minha volta entre vós – aumente a vossa glória em Cristo Jesus” (1,24-26). A sua alegria no trabalho do testemunho do Evangelho aumenta na esperança da vinda do Senhor.
- c) Paulo, inúmeras vezes, menciona a alegria alimentada pela vinda do libertador, Cristo Jesus: “A nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transfigurará nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela força que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas. Assim, irmãos amados e queridos, minha alegria e coroa, permanepei firmes no Senhor, ó amados” (3,20-4,1). A expectativa da vinda do Cristo Jesus deve servir aos cristãos não só como a glória de Cristo na vida futura, mas também como a força do testemunho do Cristo Jesus encarnado no meio dos sofredores. A tarefa

da comunidade cristã é ser a manifestação da alegria que brota do testemunho do amor de Cristo: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos! Que a vossa moderação se torne conhecida de todos os homens. O Senhor está próximo!” (4,4-5). A comunhão dos cristãos manifesta a glória do Cristo Jesus.

- d) Paulo escreveu à comunidade cristã de Filipos para insistir que ela permanecesse unida (1,27). A unidade comunitária dava-lhe imensa satisfação, uma vez que era fonte de testemunho cristão e sua alegria: “Levai à plenitude minha alegria, pondo-vos acordes no mesmo sentimento, nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo, nem cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros” (2,2-4). A unidade vivida em comunidade daria a essas mulheres e homens um potencial de renovação tanto interno quanto externo. Assim, a vivência da comunidade fraterna fecunda a semente do reino de Deus na sociedade e antecipa a alegria da vinda do Senhor: “Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós, e sempre em todas as minhas súplicas, oro por todos vós com alegria, pela vossa participação no evangelho desde o primeiro dia até agora, e tenho plena certeza de que aquele que começou em vós a boa obra há de levá-la à perfeição até o dia de Cristo Jesus” (1,3-6).

A vida cristã é uma vida que deve ser vivida na alegria, pois está fundamentada na livre opção de seguir o Cristo crucificado, que, por amor, entrega a sua vida. Conforme a compreensão de Paulo, em Cristo Jesus crucificado e ressuscitado, a lei foi superada pela graça

e pelo amor. A alegria cristã está alicerçada no caminho e na salvação de Cristo Jesus: “Alegrai-vos sempre no Senhor”. A alegria deve nortear e animar toda a vida das/os cristãs/os, especialmente o anúncio do Evangelho, mesmo em meio aos sofrimentos. Por isso, a espera pela vinda do Senhor não pode ser passiva, cada pessoa é chamada a viver seu compromisso com o Evangelho de cruz.

Hoje, ainda há muitas pessoas apegadas às normas e preceitos como meios de alcançar a “cidade nos céus” – a vinda do Salvador o Senhor Jesus Cristo (3,20). Tais pessoas parecem preocupadas, somente, com sua salvação individual: “Cada um por si e Deus por todos”. Pensam que a vida cristã se resume em seguir regras e normas, esquecendo-se do essencial, que é a prática do amor, do respeito, do perdão, da justiça, da solidariedade e da misericórdia. Dessa prática, nasce a verdadeira alegria.

SÉTIMO ENCONTRO



TEMA: Viver a solidariedade e a gratuidade em comunidade.

PERSONAGENS: Paulo, filipenses, Epafrodito, Cristo Jesus, Deus (Pai).

TEXTO: Fl 4,10-20.

PALAVRAS-CHAVE: alegria, abundância, fome, “dar e receber”, participação, necessidades, adaptar, sofrer, proverá.

PERSPECTIVA: A experiência da boa nova gera um novo tipo de relacionamento baseado na ajuda solidária e gratuita.

“...Fizestes bem em participardes da minha aflição” (4,14).

ATENÇÃO: O grupo ou a comunidade, conforme sua realidade e sua criatividade, pode mudar os cantos, as perguntas e a forma de celebrar a vida.

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, flores, velas, o painel confeccionado no primeiro encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Sejam todas e todos bem- vindas/os. Ao iniciarmos nosso último encontro de estudo, reflexão e oração da carta de Paulo aos filipenses, vamos invocar o Deus Trino dizendo: Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo.

Todas/os: É bom e agradável vivermos como irmãos e irmãs que se comprometem com a prática do amor gratuito e solidário.

Dirigente: Convidamos todas e todos a olharem a ilustração desse nosso último encontro. O que ela nos transmite?

3. Motivando a conversa

Em janeiro de 2009, o Ministério da Saúde informou que o número de transplantes realizados no Brasil foi maior em 2008 do que em 2007. Os motivos são o aumento do número de famílias que autorizam a doação e a maior quantidade de doadores vivos.

O Papa Bento XVI, em um encontro com médicos, pronunciou-se em relação ao transplante. Ele diz: “O transplante de órgãos, seja em vida ou após a morte do doador, é sempre um ato de amor, que se expressa com o dom dos próprios órgãos vitais, é um testemunho genuíno de caridade que sabe ver muito além da morte, para que a vida sempre vença».

Dirigente: Para você, o que significa doar um órgão?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 1: A sociedade greco-romana é uma sociedade centrada no comércio e no lucro, ou seja, na perspectiva da compra e venda (Ap 18,11-13). Nesse modelo social, não há lugar para gestos gratuitos. É importante notar, também, que a simples posse da riqueza nada significa. O rico deve ser um benfeitor e distribuir parte da sua riqueza, pois assim, passa a ser reconhecido socialmente (Lc 22,25). Toda doação ou donativo é um gesto público, que torna a/o doadora/or superior às demais pessoas, alguém que deve ser honrada/o. Quem se beneficia tem a obrigação de demonstrar gratidão e retribuir a dádiva. No entanto, a comunidade cristã de Filipos tem outro tipo de prática. Aprender com ela.

5. Leitura do texto

Dirigente: Acolhendo a Palavra do Deus que nos convida a estabelecer relações solidárias, cantemos:

A vossa palavra, Senhor, é sinal de interesse por nós (bis).

Leitora ou leitor 2: Fl 4,10-20.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Como Paulo se sente diante da oferta da comunidade de Filipos?
- b) O que Paulo aprendeu como evangelizador?

- c) Quem retribuirá à comunidade a ajuda enviada ao apóstolo?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 3: A comunidade cristã de Filipos presta auxílio a Paulo em um momento de necessidade. O gesto é fruto da experiência que a comunidade faz da boa nova. Ela se organizou e todos os seus membros contribuíram. A comunidade experimenta, agora, um novo tipo de relacionamento baseado na solidariedade e gratuidade. O “dar e receber”, próprio do modelo greco-romano, está sendo superado. Por isso, Paulo se sente livre para aceitar a oferta.

- a) Vivemos em um modelo social em que a competição e os interesses pessoais são mais importantes do que a cooperação e o bem comum. É possível construir outro modelo de sociedade? De que forma?
- b) Nossa comunidade expressa gratuidade no relacionamento entre seus membros? Como isso se manifesta?
- c) Como reagimos diante de dificuldades e tragédias individuais e coletivas? (acidentes, morte, doenças, enchentes).

7. Celebrando a vida

Formar um grande círculo em volta da Bíblia, da cruz, da vela e do painel confeccionado no primeiro encontro.

Iniciar a celebração com um canto conhecido do grupo.

Dirigente: Fizemos uma caminhada de estudo e reflexão, a partir da experiência da comunidade cristã de Filipos. Vamos dizer, em uma palavra, o que essa comunidade nos ensinou. (deixar que as pessoas falem)

Dirigente: Por diversas vezes, Paulo convidou a comunidade de Filipos a se alegrar. O mesmo convite ele nos faz hoje. Vamos partilhar quais as alegrias que a vida em comunidade nos traz, e colar cada tijolinho no painel, completando, assim, a construção comunitária iniciada no primeiro encontro. (intercalar algumas colocações cantando um refrão).

(Ao final das colocações.)

Dirigente: Vamos entrelaçar nossos braços, como expressão da força que brota da vida comunitária, e rezar um Pai nosso renovando nosso compromisso com a boa nova de Jesus.

(Encerrar com uma música conhecida pelo grupo, e que fale de alegria.)

Orientações para o sétimo encontro

Situando o texto: A sociedade do interesse

O texto de Fl 4,10-20 nos traz a experiência de Paulo recebendo a ajuda fraterna e solidária da comunidade de Filipos. É uma experiência que vai na contramão da sociedade do seu tempo: a sociedade greco-romana. Para melhor compreensão do texto em questão, vejamos algumas características dessa sociedade.

Trata-se de uma sociedade centrada no comércio, ou seja, na compra e venda (Ap 18,11-13). Nessa sociedade o “dar e receber” não são gratuitos, mas são vistos na perspectiva do comércio, e só acontecem entre pessoas de mesmo “*status social*”. Isso significa que a gratuidade, a generosidade, o altruísmo, a partilha não são valores ali. Mas é importante notar que a simples posse da riqueza nada significava. O rico devia ser um benfeitor e distribuir parte da sua riqueza, pois assim passava a ser reconhecido socialmente: “Jesus lhes disse: Os reis das nações as dominam, e os que as tiranizam são chamados Benfeitores” (Lc 22,25).

Toda doação ou donativo era um gesto público, que tornava a/o doadora/or superior às demais pessoas, alguém que devia ser honrada/o. Quem se beneficiava tinha a obrigação de demonstrar gratidão e retribuir a dádiva. Encontramos um exemplo no evangelho segundo Lucas, quando os anciãos pedem a Jesus que cure o servo de um centurião, pois esse centurião é visto como um benfeitor, já que construiu-lhes uma sinagoga: “Um centurião tinha um servo a quem prezava e que estava doente, à morte; tendo ouvido falar de Jesus, enviou-lhe alguns dos anciãos dos judeus para pedir-lhe que fosse salvar o servo. Estes, chegando a Jesus, rogavam-lhe insistentemente: Ele é digno de que lhe concedas isso, pois ama nossa nação, e até nos construiu uma sinagoga” (Lc 7, 2-5). Era o sistema do “patronato”. Inclusive, havia regras para isso:

- Se a retribuição fosse de valor superior, quem ofertou primeiro ficava em vantagem.
- Se o valor era o mesmo, as duas pessoas ficavam no mesmo nível.
- Se a retribuição fosse de valor inferior, o beneficiado tornava-se dependente de quem o tinha beneficiado e

ficava com uma situação “em aberto” em relação ao benfeitor.

- Quem recebia sempre ficava devendo honra e favores políticos, benefícios econômicos e comerciais ao seu benfeitor.

Oferecer qualquer tipo de benefício equivalia a oferecer amizade. Por isso, rejeitar um benefício era rejeitar uma amizade. O dinheiro, por exemplo, emprestava-se entre amigos: “E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem o equivalente” (Lc 6,34). Por isso o melhor investimento de uma pessoa era fazer “amigos”. Investir nesse tipo de amizade significava oferecer benefícios, festas, homenagens, monumentos, elogios, especialmente, em público etc. Tudo isso implicava retribuição, de forma que os laços dessa amizade interessera se tornavam mais sólidos. A situação era tal que havia disputas para ver quem era considerado a pessoa mais honrada...

O relacionamento de Paulo com suas comunidades é o avesso de tudo isso que acabamos de ver sobre a sociedade greco-romana.

No texto de Fl 4,10-20, Paulo recebe uma ajuda econômica da comunidade de Filipos e a aceita. Será que foram criados entre ambos esses laços de dependência, típicos da sociedade greco-romana? No texto, Paulo diz que só aceitou ajuda econômica pessoal dessa comunidade (v.15). Será por quê? No comentário ao texto vamos procurar aprofundar essas e outras questões.

Comentando o texto: Fl 4,10-20:

Nos versículos 10-20, Paulo vai manifestar sua alegria e gratidão pela oferta que recebeu da comunidade cristã de Filipos, sinal de amadurecimento na solidariedade e no compromisso com o anúncio do Evangelho (1,4-5). Trata-se de mais uma contribuição financeira da comunidade para o missionário. Parece que ele aguardava por isso, mas a demora fez Paulo pensar que havia desinteresse pelo seu trabalho. Mas ele logo se corrige e ameniza o juízo que fez.

Notemos que Paulo parece se sentir constrangido pela ajuda que está recebendo, e isso é de estranhar. Não é a primeira vez que os filipenses o ajudam. Eles já o fizeram quando Paulo estava em Tessalônica (Fl 4,16) e em Corinto (2Cor 11,9). Por que, agora, o constrangimento? A resposta parece estar no momento em que a ajuda chegou. Paulo está preso em Éfeso (1,12-14) e, naquele momento, ele vive alguns conflitos com as lideranças efesinas, quanto à perspectiva de sua morte (cf. 1,21-26).

Além disso, os representantes de Filipos que trazem ajuda para Paulo, chegam no momento em que ele solicitou ajuda para enviar aos membros pobres de Jerusalém. Aceitar uma ajuda, em dinheiro, da comunidade filipense poderia parecer que Paulo se apropriava do que era destinado aos pobres. Aliás, como hoje, isso era comum nas sociedades da época. Todo funcionário roubava dinheiro público. Ajustes de conta só eram solicitados se o roubo fosse exorbitante. Além disso, filósofos e missionários das mais diferentes religiões tinham fama de serem mercenários e exploradores dos crentes (2Cor 2,17). Paulo precisa ser cuidadoso. Está em jogo sua reputação de apóstolo íntegro. Por isso, ele mostra que é capaz de enfrentar tanto a abundância como a penúria, a saciedade e a fome...

Ele se diz, inclusive, autossuficiente, termo usado por alguns filósofos, para dizer que eram indiferentes aos

condicionamentos da vida. Mas o ideal de Paulo não é ser autossuficiente à maneira dos filósofos. Ele não quer se mostrar como alguém capaz de se autossustentar e, sim, como alguém cuja liberdade conquistada diante das dificuldades da vida é sustentada por Cristo. Por isso diz: “Tudo posso naquele que me fortalece” (4,13). Paulo tem consciência de que quem vive na intimidade com Deus, tem resistência diante das privações e necessidades (cf. Sl 23,1; 1Tm 6,6). Paulo quer, de alguma forma, afirmar que Deus e a missão de anunciar o Evangelho são suficientes em sua vida (cf. 2Cor 9,9-10). Quando a vida está centrada em Deus, os gestos de “dar e receber” se tornam gratuitos, transparentes, rompendo a corrente, por vezes mesquinha, de troca interesseira de favores.

A comunidade filipense não ficou alheia às necessidades de Paulo, mas esteve com ele nas privações, nas perseguições, nas prisões... Isso mostra uma autêntica participação no anúncio da boa nova: “Fizestes bem em participar da minha aflição” (4,14). O verbo “participar” que também aparece em Ef 5,11 e Ap 18,4, quer dizer, participar de algo, com alguém; é estar ligado por profundos laços a essa pessoa, e ao projeto que ela está assumindo. Como o apóstolo, a comunidade é participante da graça (1,7), e da alegria do anúncio do Evangelho.

A expressão “dar e receber” vem clara em 4,15-17. Diferente de outras comunidades, a comunidade de Filipos foi a única que estabeleceu com Paulo uma relação de “*dar e receber*”. Parece que o apóstolo usou, propositalmente, um termo ligado ao comércio; é uma relação de débito e crédito, de compromisso recíproco, que se estabeleceu entre Paulo e as/os filipenses desde o início da pregação do evangelho (4,15). Em Tessalônica, ele recebeu, mais de uma vez, ajuda da comunidade filipense em suas necessidades (4,16). Necessidade, em grego

“*chreia*”, significa: ausência, carência, falta de alguma coisa (cf. 2,25)

Paulo reconhece o gesto de partilha generosa da comunidade de Filipos, mas quer enfatizar que o relacionamento dele, de “dar e receber”, com aquela comunidade é diferente do que existe na cultura greco-romana. A dádiva era fruto do esforço comunitário (4,3b) e não esperava retribuição. E Paulo se sente livre em aceitar porque a comunidade se organizou e criou um fundo comum, um tipo de “caixa comunitária”, de forma que todos os membros contribuía. Além disso, formaram uma comissão responsável por encaminhar a oferta, também de forma coletiva.

Com a ajuda dessa comunidade cristã, Paulo faz questão de afirmar que agora tem em abundância; não precisa de mais nada. Ele não quer mesmo ser sustentado, contudo, reconhece a oferta e diz que ela “é um perfume de suave odor, sacrifício aceito e agradável a Deus” (4,18) Essa expressão, que remete aos rituais de sacrifício do Primeiro Testamento, demonstra como Paulo vê essa contribuição. Por isso, somente Deus, em Cristo Jesus, saberá retribuir, de uma maneira muito superior, tudo o que a comunidade filipense fez para o anúncio da boa nova (4,19). Terminando a correspondência de agradecimento, Paulo reconhece que tudo o que foi feito acha o seu sentido e significado final, na glória de Deus: “E ao nosso Deus e Pai seja a glória pelos séculos dos séculos! Amém (4,20).

Aprofundando: A ajuda solidária na tradição tribal

O gesto comunitário de “dar e receber” de forma gratuita e solidária faz parte do sonho do ser humano de viver em um mundo de justiça e de fraternidade. Na Bíblia, suas raízes

remontam ao tempo tribal, onde muitos grupos, na Palestina, procuraram se organizar de forma igualitária. Isso se deu por volta dos anos 1200 a 1000 a.C. Esse sonho foi vivenciado pelo povo das aldeias, cultivado pelos profetas populares, como Elias, Oseias, Amós, Miqueias, Sofonias, Segundo e Terceiro Isaías, até chegar a Jesus.

Nesse projeto, que marcou a história da Bíblia, encontramos textos antigos que trazem gestos e leis de hospitalidade, de solidariedade, de defesa e proteção dos grupos considerados mais pobres: órfãos, viúvas e estrangeiros. Tais leis e costumes são explicitações do “dar e receber” da vivência dos clãs e tribos, na sua originalidade. Tais textos demonstram a preocupação antiga das comunidades/clãs, que querem se organizar, tendo no centro de suas atenções aqueles e aquelas que passam necessidade. Vamos ver como essa preocupação aparece, principalmente, no livro do Deuteronômio.

- a) “Não emprestes ao teu irmão com juros, quer se trate de empréstimo de dinheiro, quer de víveres ou de qualquer outra coisa sobre a qual é costume exigir um juro. Poderás fazer um empréstimo com juros ao estrangeiro; contudo, emprestarás sem juros ao teu irmão, para que Javé teu Deus abençoe todo empreendimento da tua mão, na terra em que estás entrando, a fim de tomares posse dela” (Dt 23,20-21).

A palavra “irmão”, aqui, designa o israelita. Os juros costumavam ser muito altos, o que caracteriza a prática da usura e acaba lesando outra pessoa. Em um povo de irmãos e irmãs, o empréstimo deveria ter como objetivo a partilha e não o lucro (Eccl 29,1-13). Nos livros do Ex 22,24

e Lv 25,35, o apelo é a ajuda ao necessitado, em caso grave. Já no livro do Deuteronômio, essa ajuda se estende a qualquer caso de necessidade.

- b) “Quando entrares na vinha do teu próximo poderás comer à vontade, até ficares saciado, mas nada carregues em teu cesto. Quando entrares na plantação do teu próximo poderás colher as espigas com a mão, mas não passes a foice na plantação do teu próximo” (Dt 23,25-26).

Numa sociedade baseada na fraternidade e na partilha, os bens necessários à sobrevivência são de todos. Mas isso não dá direito a prejudicar outra pessoa. Ou seja, o projeto é usufruir, sem destruir (cf. Mc 2,23).

- c) O livro do Deuteronômio conserva, também, outra lei antiga, chamada “lei do respigar”. Essa lei é retomada em outros livros, como o de Rute. No capítulo 2, a jovem viúva, Rute, estrangeira e sem filhos, aparece sendo favorecida. Vejamos o que nos diz Dt 24,18-23: “Quando estiveres ceifando a colheita em teu campo e esqueceres um feixe, não voltes para pegá-lo; ele é do estrangeiro, do órfão e da viúva, para que Javé teu Deus te abençoe, em todo trabalho das tuas mãos. Quando sacudires os frutos da tua oliveira, não repasses os ramos: o resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva. Quando vindimares a tua vinha, não voltes a rebuscá-la; o resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva. Recorda-te que foste escravo na terra do

Egito. É por isso que eu te ordeno agires desse modo”.

Estamos diante de uma lei bastante abrangente. Não “limpar” a terra após a colheita é um gesto que permite a preservação da vida dos seres humanos mais pobres, dos animais e da natureza, pois os grãos que permanecem na terra servem de alimento para as pessoas famintas, para os animais, e, ainda o que sobra se torna adubo que fertiliza a terra. É um “dar e receber” ecológico! Essa lei mantém os seres humanos, os animais e a natureza na liberdade das filhas e filhos de Deus.

A tradição tribal, preservada no Deuteronômio, foi recontada e reescrita ao longo da caminhada do povo de Israel:

- “Ah! Todos os que tendes sede, vinda à água. Vós, os que não tendes dinheiro vinde, comprei e comei; comprei, sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite. Por que gastai dinheiro com aquilo que não é pão, e o produto do vosso trabalho com aquilo que não pode satisfazer? Ouvi-me com toda a atenção e comei o que é bom; deleitai-vos com manjares revigorantes” (Is 55,1-2).

- “Vinde a mim todos os que me desejais, fartai-vos de meus frutos. Porque a minha lembrança é mais doce do que o mel, minha herança mais doce do que o favo de mel” (Ecl 24,19-20).

Jesus, que era um israelita, aprendeu com essa tradição. Por isso, os evangelhos o apresentam retomando o projeto tribal. Ele diz: “Dai-lhe vós mesmos de comer” (Mc 6,37). Jesus não tem dúvida: diz às suas discípulas e discípulos que é preciso dar de comer à multidão e não forçá-la a ficar num sistema de

compra e venda, sustentando um mercado injusto, que provoca exclusão dos pobres. É o apelo ao “dar e receber” comunitário, de maneira gratuita; dar até aquilo que nos faz falta, preparando para dar a própria vida, se necessário for.

A tradição religiosa judaico-cristã expressa o sonho de todo ser humano: viver em um mundo novo, onde os seres humanos se relacionam de forma igualitária, fraterna e gratuita. Viver assim, especialmente nos dias de hoje, é nadar contra a corrente. A força para “nadar” deve ser buscada em comunidade. Desta forma, seremos capazes de encontrar saídas para o atual modelo socioeconômico em que o lucro exorbitante de uma pequena minoria gera a miséria e a morte de uma grande maioria, além de destruir diferentes formas de vida no planeta.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BORTOLINI, José. *Como ler a carta aos Filipenses*. São Paulo: Paulus, 1991.
- COMBLIN, José. *Epístola aos Filipenses*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CROSSAN, J.D.; Reed, J.L. *Em busca de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1993.
- CARVALHO, Heloisa S. de; NAKANOSE, Shigeyuki (Centro Bíblico Verbo). *O amor jamais passará*. São Paulo: Paulus, 2008.
- FEE, Gordon D. *Paul's Letter to the Philippians*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1995.
- HAWTHORNE, G.F.; MARTIN, R.P.; REID, D.G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus; Loyola; Vida Nova, 2008.
- HEYER, C.J. den. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008.
- HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARQUES, Maria A; NAKANOSE, Shigeyuki (Centro Bíblico Verbo). *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MÜLLER, Ulrich B. *A encarnação do Filho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 1996.
- *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2007.
- OAKES, Peter. *Philippians: From People to Letter*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- O'BRIEN, Peter T. *The Epistle to the Philippians*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1991.

ÍNDICE

- 5 Agradecimentos
- 7 Apresentação
- 9 Introdução à Carta aos Filipenses
- 13 Conhecendo o autor da Carta aos Filipenses
- 14 Conhecendo o Império Romano
- 16 Conhecendo a cidade de Filipos
- 18 Conhecendo a comunidade cristã de Filipos
- 20 Conhecendo a Carta aos Filipenses
- 22 Aprendendo com Paulo e a Carta aos Filipenses
- 23 Organização deste livro
- 25 Lembretes para as reuniões
- 27 *Primeiro encontro: A prática da boa nova cria lações de ternura,
de solidariedade e de amor em Cristo Jesus*
- 34 Orientações para o primeiro encontro
- 34 Situando o texto: Nasce a comunidade de Filipos
- 36 Comentando o texto: Fl 1,3-11
- 39 Aprofundando: A diversidade nas comunidades cristãs nascentes
- 44 *Segundo encontro: Cristo será engrandecido em meu corpo, pela
vida ou pela morte*
- 51 Orientações para o segundo encontro
- 51 Situando o texto: Paulo e sua prisão em Éfeso
- 53 Comentando o texto: Fl 1,12-26
- 56 Aprofundando: A perseguição no cotidiano da missão
- 60 *Terceiro encontro: Cristo Jesus se despojou assumindo a
condição de escravo*
- 66 Orientações para o terceiro encontro
- 66 Situando o texto: “Levai uma vida de cidadão”

- 68 Comentando o texto: Fl 2,1-11
- 71 Aprofundando: O Deus dos oprimidos
- 76 *Quarto encontro: A solidariedade sustenta o cotidiano da missão*
- 82 Orientações para o quarto encontro
- 82 Situando o texto: O cotidiano da missão
- 85 Comentando o texto: Fl 2,19-30
- 87 Aprofundando: A estratégia missionária de Paulo
- 91 *Quinto encontro: Em Cristo Jesus, a grande lei é o amor*
- 97 Orientações para o quinto encontro
- 97 Situando o texto: Judeus cristãos e cristãos gentios nas comunidades cristãs
- 99 Comentando o texto: Fl 3,1b-11
- 101 Aprofundando: As obras da Lei e o amor por Cristo Jesus
- 105 *Sexto encontro: Alegrai-vos sempre no Senhor!*
- 110 Orientações para o sexto encontro
- 110 Situando o texto: Parusia: a chegada do Senhor
- 112 Comentando o texto: Fl 4,2-9
- 115 Aprofundando: Alegrai-vos sempre no Senhor
- 119 *Sétimo encontro: Viver a solidariedade e a gratuidade em comunidade*
- 123 Orientações para o sétimo encontro
- 123 Situando o texto: A sociedade do interesse
- 125 Comentando o texto: Fl 4,10-20
- 128 Aprofundando: A ajuda solidária na tradição tribal

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de vinte anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento

Estudos de temas específicos

Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)

Hebraico e Grego (semanal)

Especialização e Aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Maiores informações:

Tel.: (11) 5182.0008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br